

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

ANA PAULA DA SILVA MENEZES

**VILA, VILÕES E VILEIROS:¹ A GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA NA OBRA
OS SUPRIDORES DE JOSÉ FALERO**

**PORTO ALEGRE
2022**

¹ Circuito Letras-Uergs de debates sobre literatura. "Os supridores", com José Falero. *You tube*, 2020. Acesso em: 22 de set. 2022.

ANA PAULA DA SILVA MENEZES

**VILA, VILÕES E VILEIROS: A GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA NA OBRA
OS SUPRIDORES DE JOSÉ FALERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras, pelo curso de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Liberato
Tettamanzy

PORTO ALEGRE
2022

ANA PAULA DA SILVA MENEZES

**VILA, VILÕES E VILEIROS: A GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA URBANA NA OBRA
OS SUPRIDORES DE JOSÉ FALERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras, pelo curso de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Liberato
Tettamanzy

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – UFRGS (Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Rejane Pivetta de Oliveira – UFRGS

Prof.^a. Me. Cibele Moni Soares – Externo

*Para minha mãe, Marinita
Aquele que tudo me ensinou e me
inspirou*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio e pelo amparo durante todo esse período de graduação e antes dele. Agradeço pela confiança que depositaram em mim e por terem acreditado no meu potencial apesar de todas as circunstâncias que insistiam em tentar me fazer desistir. E mais ainda agora, tão próximo da formatura, agradeço os sacrifícios e o orgulho que vejo brilhar nos olhos de cada um, minha mãe Marinita, meu pai Paulo, meus irmãos Felipe e Paulinho por essa conquista que não é só minha, mas é de cada um de nós. Agradeço ao Luís, em especial, por ter dado vida e luz aos meus dias; com sua chegada ganhei ainda mais força para buscar um futuro melhor para o seu futuro.

Agradeço à minha amiga Danielle por caminhar junto comigo, com nossos cafés de aposentadas, tornou tudo mais leve e precioso. Encontrar-te em meio a toda turbulência que uma graduação pode ser, com certeza, facilitou o caminho. Ao Rafa, por toda graça e afeto, por sempre sinalizar quando estava pegando pesado comigo mesma e por mostrar toda a leveza que a vida pode ter. A Carla, pelo apoio e incentivo com o francês, por topar algumas missões impossíveis e me fazer acreditar que valia o esforço.

Por fim, às professoras que me acompanharam e tornaram esse ambiente mais acolhedor e afetuoso. A Marta Ramos, por ter se sensibilizado com a minha dificuldade em ter um espaço silencioso para os estudos e me conceder uma salinha para passar as férias estudando. À minha orientadora Ana Tettamanzy, por toda liberdade, compartilhamento de ideias e por ter acreditado na proposta que eu trouxe. Principalmente, por abrir portas para essas vozes marginalizadas dentro da Universidade, pois sei que é um trabalho árduo ir contra a corrente.

[...] A Érica Peçanha vinha ministrar ali o seu curso sobre Literatura Marginal-Periférica, e eu não podia perder essa. Era de graça, então cabia direitinho dentro do meu orçamento.[...]

Um outro primo emprestou a companhia: foi comigo, para me ajudar a enfrentar toda aquela hostilidade que paira no ar dos ambientes acadêmicos. Foi comigo, para me ajudar a segurar essa barra que é gostar do que não parece ser para o nosso bico.

Não faz muito tempo, li num texto da Dalva MMM (Minha Mentora Mineira) que “é tão bom estar junto com os nossos”. Pude experimentar essa verdade assim que eu e o meu primo subimos as escadas e surgimos no meio da manada de universitários.

— Mano, que ambiente mais hostil!

— Porra, pode crê! O cara não fica em paz, não dá pro cara se sentir bem e pá.

— Pode crê!

É uma delícia não ter que dar um monte de explicações. É uma delícia ser compreendido no ato.

[...] Pela primeira vez na minha vida eu senti certo conforto num ambiente acadêmico, por menor que tenha sido. Eu tinha propriedade para falar de tudo aquilo. Não me atrevi a abrir a boca, mas que eu tinha propriedade, ah, isso eu tinha! E me bastou. [...]

(FALERO)²

² FALERO, José. De volta ao Campus. Facebook, setembro de 2018. Disponível em <https://www.facebook.com/jzfaleroescritor/posts/pfbid0QxAu717E8dz1UvKAfxVTzErCEzhjdaAPqY5YWwM6ufsPsaY1ryBquFERRSNRDmNol>. Acesso em: 21 set. 2022.

RESUMO

O objetivo principal desse estudo é direcionar um olhar crítico para a obra *Os Supridores*, de José Falero, a fim de compreender como o território, enquanto espaço existencial, é apropriado no romance para a construção identitária dos sujeitos periféricos. Isto é, analiso como o espaço geográfico, permeado pela violência urbana e pelas desigualdades sociais, atua na construção da identidade e na subjetividade de sujeitos marginalizados. Para isso, foi necessário percorrer conhecimentos da geografia e da crítica literária para contemplar os conceitos de território, territorialidade e literatura Marginal-Periférica, marginalidade e violência. Em consonância, o estudo busca reconhecer a linguagem como ferramenta de dominação social e como o autor se apropria da língua como forma de insubmissão e potência para compreender a oralidade como forma de resistência social; além disso, intento defender o espaço da periferia enquanto um espaço existencial e não apenas geográfico, destacando, assim, a humanização dos sujeitos marginais por meio da literatura. Dessa forma, como referencial teórico para consolidação das ideias expostas, utilizo como referencial o geógrafo Milton Santos, grande estudioso do território enquanto espaço de uso, indo para além do mero valor quantitativo da terra, mas em seu uso simbólico na construção do indivíduo. E também considere José Falero como referencial, pois, para além da escrita literária, ele é um pensador. Sua escrita é utilizada para dar voz a seus incômodos, às suas reflexões e à forma com que enxerga o mundo; sendo assim, José está se pensando e pensando o mundo a partir de suas produções. Além disso, para a crítica sobre literatura Marginal-Periférica, utilizo como aporte os estudos das pesquisadoras Regina Dalcastagnè e Érica Peçanha do Nascimento. Some-se a isso a reflexão linguística a partir das formulações de Gabriel Nascimento. Encontra-se, ao fim, a potencialidade da literatura enquanto ferramenta de humanização de corpos marginalizados, bem como o reconhecimento do espaço da periferia como um espaço existencial que rasga os limites impostos pela geografia técnica, isto é, transmutando-se no espaço que possibilita a formação intersubjetiva e identitária de seus sujeitos.

Palavras-chaves: literatura marginal periférica; Território; *Os Supridores*; Subjetividade.

RÉSUMÉ

L'objectif principal de cette étude est de porter un regard critique sur l'œuvre *Os Supridores* de José Falero afin de comprendre comment le territoire, en tant qu'espace existentiel, est approprié dans le roman pour la construction identitaire des sujets périphériques. C'est-à-dire que j'analyse comment l'espace géographique, imprégné de violence urbaine et d'inégalités sociales, agit dans la construction de l'identité et de la subjectivité des sujets marginalisés. Pour cela, il a fallu passer par des connaissances en géographie et en critique littéraire pour contempler les notions de territoire, de territorialité et de littérature Margino-Périphérique, de marginalité et de violence. En conséquence, l'étude cherche à reconnaître le langage comme un outil de domination sociale et comment l'auteur s'approprie le langage comme une forme d'insoumission et de pouvoir pour comprendre l'oralité comme une forme de résistance sociale ; De plus, j'essaie de défendre l'espace périphérique comme un espace existentiel et pas seulement géographique, mettant ainsi en évidence l'humanisation des sujets marginaux à travers la littérature. De cette façon, comme référence théorique pour la consolidation des idées exposées, j'utilise le géographe Milton Santos comme référence, un grand spécialiste du territoire comme espace d'utilisation, allant au-delà de la simple valeur quantitative de la terre, mais en son usage symbolique dans la construction de l'individu. Et j'ai aussi considéré José Falero comme une référence, car, en plus de l'écriture littéraire, c'est un penseur. Son écriture sert à donner voix à ses malaises, ses réflexions et sa façon de voir le monde ; ainsi, José pense à lui et au monde à partir de ses productions. De plus, pour la critique de la littérature marginale-périphérique, j'utilise comme contribution les études des chercheuses Regina Dalcastagnè et Érica Peçanha do Nascimento. A cela s'ajoute la réflexion linguistique à partir des formulations de Gabriel Nascimento. Au final, on retrouve le potentiel de la littérature comme outil d'humanisation des corps marginalisés, ainsi que la reconnaissance de l'espace périphérique comme espace existentiel qui déchire les limites imposées par la géographie technique, c'est-à-dire se transmuier dans l'espace qui permet la formation intersubjective et identitaire de ses sujets.

Mots clés : littérature margino-périphérique ; Territoire; *Les Fournisseurs* ; Subjectivité.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1 - Mapa da Lomba do Pinheiro</u>	18
<u>Figura 2 - A estrada João de Oliveira Remião.</u>	52

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 UM ESCRITOR EM BUSCA DA FÓRMULA MÁGICA DA PAZ	12
1.1 CAMINHOS ATÉ A PUBLICAÇÃO	15
1.1.1 A LOMBA – PORTO INVISÍVEL...	18
2 LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA: A DEMANDA REPRIMIDA FRUTO DE UMA TRADIÇÃO LITERÁRIA EXCLUDENTE.	22
2.1 FACES DA VIOLÊNCIA URBANA: 'HUMANIZAR O DESUMANIZADO'	33
2.1.1 “AQUI VOCÊ NÃO VAI FALAR ESSAS COISAS DE MALOQUEIRO!” TRÈS BIEN...	38
3 LANÇANDO LUZES SOBRE UMA PORTO ALEGRE ESQUECIDA	44
3.1 TERRITORIALIDADE E TERRITORIALIDADE: “DE ONDE VENHO NADA É SOZINHO, TUDO É SEMPRE COLETIVO”	50
3.1.1 TERRITÓRIO EXISTENCIAL	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Venho maternando o desejo de estudar a obra objeto deste estudo há longos 7 meses, mas o medo e a insegurança me faziam apenas idealizar a escrita e nunca de fato colocá-la no papel, contudo, a concretização para o início desse estudo ocorreu em diálogo com o próprio escritor que, durante um encontro inesperado na escola em que estou estagiária, me fez perceber que ninguém melhor do que nós para falar sobre o que falamos.

A crônica escolhida para epígrafe desse estudo fala sobre o desejo de Falero em retornar ao Campus universitário, antes frequentado como auxiliar de pedreiro, somente na condição de aluno, isto porque, durante o período em que ia buscar refrigerante no bar da universidade, sentia a hostilidade e o desconforto de estar em um lugar que insistentemente diz que ali não é o lugar dos periféricos,

Creia-me, leitor: não existe ambiente mais hostil para um pé-rapado do que um ambiente acadêmico. É impossível ficar à vontade. Nada ao redor traz sensação de conforto, nada ao redor lembra minimamente as vielas e os barracos que estamos acostumados a ver à nossa volta, ninguém ao redor nos desperta a mínima sensação de identificação ou nos inspira empatia. (FALERO, 2018).

Entretanto, no ano anterior dessa crônica *de Facebook*, eu entrei lá, como aluna, entrei pelo SiSU³, depois de alguns anos evitando sequer fazer o vestibular, pois na *perifa* a gente sabe: universidade pública não é lugar para trabalhador. Durante os primeiros semestres do curso tive que enfrentar a carga exaustiva de um curso de licenciatura integral, com livros, com textos, com conhecimentos linguísticos que eu nem fazia ideia que existiam e a carga exaustiva de um trabalho no telemarketing.

Eu fiquei muito tempo nesse espaço sentindo que eu não deveria estar ali, que de alguma forma eu consegui aquela vaga, mas não era porque eu merecia estar ali ou porque estava à altura daquele lugar. E, por muitos meses, eu andei naqueles corredores como diz Falero,

durante alguns meses, eu fui o intruso que andava encolhido, com vergonha, por entre os prédios da UFRGS. Durante alguns meses, eu fui o pobre-diabo que passava por ali, e que imaginava, com razão ou

³ O Sistema de Seleção Unificada (SISU) reúne em um sistema eletrônico gerido pelo MEC as vagas ofertadas por instituições públicas de ensino superior de todo o Brasil, sendo a grande maioria delas ofertada por instituições federais (universidades e institutos).

não, ser o alvo de toda e qualquer gargalhada que soasse à sua passagem. (FALERO, 2018).

O sentimento de não pertencimento me acompanhou por todo o primeiro, segundo e terceiro ano da faculdade e pensei inúmeras vezes em sair correndo dali e nunca mais voltar. No entanto, em algum momento, de alguma forma que eu não sei bem, eu encontrei *A cor púrpura*, de Alice Walker, na biblioteca e eu pensei: nossa, parece bem minha mãe escrevendo. E como eu chorei com aquele livro! Depois disso veio a Carolina Maria de Jesus e, assim como o camarada de Falero que disse que ‘isso aqui qualquer um de nós podia ter feito também. Eu sei falar assim, eu sei que essas coisas acontecem’⁴, eu também pensei: poxa, mas isso aqui eu conheço de cor e salteado e não vejo tanto *glamour* quanto as pessoas têm comentado. E assim eu segui nessa linha de romances sócio-históricos até conhecer o José no colégio de Aplicação.

Foi só após a leitura do *Vila Sapo*, depois d’ *Os Supridores* e acompanhando as falas dele em feiras do livro que eu entendi o *glamour* que eu não tinha entendido na Carolina. “Eu sei falar assim, eu sei que essas coisas acontecem”. Quando eu percebi isso, eu me senti em casa na Letras porque eu achei alguma coisa que conversasse comigo, alguma coisa que me desse propósito em estar ali.

Estudar a literatura Periférica-Marginal, valorizar esses escritos na academia e dar visibilidade para as nossas histórias é possibilitar que outros de nós entrem pelos portões da Universidade e não se sintam ali pobres-diabos. É possibilitar que existam dentro dos portões da Universidade mais professores que dialoguem com nossa realidade e que essas obras cheguem com prestígio na Educação Básica para ampliar o olhar e os horizontes dos alunos de periferias, pois a insurgência de literaturas marginais abre espaços para discussão e identificação de sujeitos, antes apagados da história e do cânone literário, possibilitando que novas vozes sejam ouvidas, vistas e propagadas, levando-as para o mundo, o mundo que vemos a partir de um espaço geográfico de desumanização e apagamentos.

Posto isto, o objetivo central desse estudo é direcionar um olhar crítico para a obra *Os Supridores* de José Falero a fim de compreender como o território, enquanto espaço existencial, é apropriado no romance para a construção identitária dos sujeitos periféricos. Isto é, pretendo analisar como o espaço geográfico, permeado pela

⁴ MARKO, Katia. et al. José Falero: “De onde venho nada é sozinho, tudo é sempre coletivo”. Brasil de Fato, Porto Alegre, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 21 set. 2022.

violência urbana e pelas desigualdades sociais, atua na construção da identidade e na subjetividade de sujeitos marginalizados enquanto espaço existencial. Para isso, faz-se necessário percorrer conhecimentos da geografia e da crítica literária para contemplar os conceitos de território, territorialidade e literatura Marginal-Periférica, marginalidade e violência. Em consonância, o estudo busca reconhecer a linguagem como ferramenta de dominação social e como o autor se apropria da língua como forma de insubmissão e de potência para compreender a oralidade como forma de resistência social; além disso, intento defender o espaço da periferia enquanto um espaço existencial e não apenas geográfico, destacando assim a humanização dos sujeitos marginais por meio da literatura.

Para tanto, utilizarei como metodologia de pesquisa para a realização do estudo fichamentos bibliográficos orientados pela busca por referências teóricas que dialoguem sobre território e subjetividade, literatura periférica-marginal, violência urbana e literatura, além de entrevistas do autor para sites e canais do *YouTube* e entrevista pessoal, via e-mail. A abordagem, portanto, é qualitativa, buscando materiais e fontes para a coleta de dados, e propondo as interpretações e atribuições de significado a partir delas.

Assim sendo, apresento, na sequência desta introdução, três capítulos, seguidos das considerações finais. No primeiro, apresento o autor, a importância de sua narrativa, sua trajetória literária e seu espaço-pertencer. No segundo, faço uma breve alusão à crítica literária sobre a literatura Periférica-Marginal, situando a obra objeto na crítica. Ainda neste capítulo, abordo a temática que prepondera na constituição da obra e seus antecessores, situando sua importância socialmente e a sofisticação linguística utilizada pelo autor para valorizar a oralidade e os falares dos sujeitos desprivilegiados. O terceiro capítulo apresenta a análise da obra *Os Supridores* e a apropriação territorial para a construção narrativa e para a subjetivação dos sujeitos periféricos.

1 UM ESCRITOR EM BUSCA DA FÓRMULA MÁGICA DA PAZ⁵

Ex-supridor, ex-servente de pedreiro, ex-auxiliar de cozinha. Hoje, José Falero – pseudônimo de José Carlos da Silva Júnior, em homenagem à sua mãe – é um dos grandes nomes da literatura contemporânea. A trajetória recheada de ex-profissões revela a longa caminhada do autor até o sucesso estrondoso de sua obra, aos 35 anos; todavia, fama e reconhecimento não eram sua realidade e os livros não fizeram parte dessa caminhada pelo menos até a idade de 20 anos.

O escritor, no entanto, que afirma ter se tornado leitor apenas por mero capricho de discordar de sua irmã, utilizou da imaginação, da criatividade e da fabulação para exercer um direito que sempre lhe fora negado: a literatura. Antônio Candido em *O direto à literatura* assevera a literatura como um direito básico para todos. A necessidade de fabular é inerentemente humana e Falero sempre buscou dar voz a esse desejo.

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2011, p.176)

Autodidata e curioso por natureza, o autor buscou rodear-se de possibilidades criativas. Após a leitura de volumes de quadrinhos e inconformado com o final dos enredos, acode a necessidade da criação com a elaboração de seus próprios quadrinhos. O mesmo ocorreu com a música, com os jogos, com a programação e, claro, com os livros. Construindo inicialmente seus mangás, histórias em quadrinhos de origem japonesa, Falero elaborava seus personagens e seus enredos com base em sua realidade espacial e em suas experiências; dessa forma, seus amigos, conhecidos e vizinhos transformavam-se em personagens de sua literatura, interagindo e atuando em seu espaço em entraves violentos.

⁵ HENRIQUE, Guilherme. et al. José Falero, de 'Os supridores': Um escritor em busca da fórmula mágica da paz. El País, 09 ago 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-09/um-escritor-em-busca-da-formula-magica-da-paz.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

Esses mangás eram muito populares em sua vila, os amigos batiam em sua porta para solicitar o número seguinte e, após a leitura, viravam comentários nas esquinas discutindo-se quem matou quem e como ressuscitariam no próximo número. O escritor não só se apossava do fazer literário para sua expressão como provocava o desejo de ficção em seus companheiros de quebrada, que, distantes da escola, da literatura e dos bens culturais humanos, que se tornaram elitizados, interessavam-se pelas fabulações do jovem escritor.

As inspirações de Falero não se davam apenas nas relações sociais que estabelecia na Lomba do Pinheiro, que será apresentada posteriormente. Suas referências ficavam e ainda ficam muito perceptíveis em suas narrativas; jogos como *The Legend of Zelda*⁶ e *animes* como *Cavaleiros do Zodíaco*⁷ se introduziram na construção de seus espaços assim como na estética que criava para as situações narradas. Falero explica em conversa na escola Marista Graças⁸, que, no jogo, há diferentes níveis que devem ser enfrentados e a cada nível o ambiente vai tomando tonalidades mais sombrias; seja pela música ou seja pela iluminação, é possível sentir a tensão criada antes do enfrentamento da fase final. O autor utiliza a mesma ambientação em sua escrita, trazendo no início da obra estudada, *Os Supridores*, um clima tranquilo que passa a ideia de que tudo está bem e todas as possibilidades do mundo estão abertas ao jovem Pedro – personagem principal da narrativa. Contudo, conforme o personagem vai ingressando nas “fases” seguintes do seu plano de enriquecimento, o leitor vai sendo levado, pela estética criada, à tensão e à violência que virão pela frente.

Apesar da relação tão fluída e engajada com a criação literária, a relação com o suporte do livro nem sempre foi sua primeira escolha. Em diferentes entrevistas⁹, o

⁶ Saint ou Os Cavaleiros do Zodíaco (nos países lusófonos) é uma série japonesa de mangá e anime escrito e ilustrada por Masami Kurumada. Foi publicada originalmente na revista Weekly Shōnen Jump de dezembro de 1985, sendo sua primeira edição dividida em duas partes entre dezembro de 1985 e janeiro de 1986 (partes 1 e 2 respectivamente), até dezembro de 1990. Foi adaptada para anime de 114 episódios pelo estúdio Toei Animation (o mesmo que produziu Dragon Ball) de 1986 a 1989.

⁷ The Legend of Zelda é uma série de jogos eletrônicos da Nintendo criada em 1986 por Shigeru Miyamoto e Takashi Tezuka. É centrado em jogos eletrônicos de ação e aventura e alguns elementos de RPG. A maioria de seus títulos são produzidos e publicados pela Nintendo com alguns jogos e relançamentos sendo desenvolvidos por empresas terceirizadas. Os jogos se passam no reino de Hyrule, num cenário de fantasia. A franquia concentra-se em títulos focados no gênero ação e aventura, além de RPG de ação e resolução de quebra-cabeças.

⁸ Anotação pessoal registrada no dia 18/08/2022 às 08:30 no Colégio Marista Graças durante o evento Incentivo e Mediação à Leitura organizado pela instituição.

⁹ Rede TVT. José Falero: Um tapa na literatura chique – SUB 40. YouTube, publicado em 22/10/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sh9Fad-K7Dg&ab_channel=RedeTVT. Acesso em: 19 set. 2022.

autor explica que não compreendia como um simples livro, cheio de palavras e sem nenhuma imagem, poderia superar seus *mangás* e seus quadrinhos recheados de ilustrações ou mesmo seus jogos eletrônicos em que podia, inclusive, controlar os jogadores. Porém, desafiado por sua irmã, que desconsiderava todas as suas opiniões sobre livros por não ter propriedade de fala, Falero resolveu mostrar-lhe que estava certo. Assim, *Besta Fera* (1988), de Jack Woods, recuperou sentimentos que o cronista havia há muito esquecido: o medo e a capacidade de imaginação.

Em conversa realizada na escola Marista Graças, o autor revela a seu público que a maior provocação e o estímulo que o tornaram leitor foi a necessidade de imaginar; a leitura de *Besta Fera*, a capacidade de imaginação e de criação do autor, recuperaram aquele sentimento de medo que só a sensibilidade de criança é ainda capaz de alcançar sem esforços.

Além disso, experienciar o prazer da literatura e da imaginação afetou a subjetividade do autor ao fazê-lo refletir sobre todas as outras experiências que ele ainda não conhecia, despertando um desejo de conhecimento insaciável “era como se eu estivesse começando a tentar saciar uma sede insaciável: quanto mais eu aprendia, mais eu queria aprender.”¹⁰

Apesar de toda sua identificação com a escrita, do seu desejo e do seu domínio linguístico, é preciso demarcar que seu desenvolvimento como artista, criador e escritor ocorreu fora dos portões da escola. Nessa mesma entrevista, ressalta o autor ainda que, caso não tivesse deixado a escola, ela teria matado a sua curiosidade e a sua vontade de aprender. Destaca que, em cada tentativa sua de trazer os seus conhecimentos para dentro da escola, tornava-se evidente que a sua vida, os seus conhecimentos e a sua cultura não tinham espaço naquele lugar. Ali não era espaço para coisas de marginais, não era lugar para os seus *RAPs*, para o seu linguajar e para a sua postura. A escola era um espaço em que Falero sofria bullying de seus colegas, se sentia deslocado, excluído e hostilizado por todos à sua volta; era um ambiente marcado e ainda hoje o é, pela uniformização dos corpos e saberes, ditando os conhecimentos legítimos e importantes e os saberes desnecessários e marginais.

¹⁰ TV Fórum. Papo-Cabeça com o ex-servente de pedreiro e escritor gaúcho José Falero. *YouTube*, publicado em 28/05/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e6ld4ha4Blo&ab_channel=TVF%C3%B3rum. Acesso em: 18 set. 2022.

O romancista conta em sua entrevista para o site *El País*¹¹ a primeira vez em que foi expulso da sala de aula por mostrar sua subjetividade. Por volta dos 11 anos de idade, em uma aula de artes, a professora solicitou que os alunos cantassem uma canção, Falero se prontificou e soltou a voz “essa porra é um campo minado, quantas vezes eu pensei em me jogar daqui? Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho, a minha vida é aqui e eu não consigo sair...”¹² (RACIONAIS MC's, 2018, p.64) e antes mesmo de conseguir terminar foi interrompido e violentamente expulso pela professora, pois, segundo a docente, “aqui você não vai falar essas coisas de *maloqueiro!*”.¹³

Além da dificuldade em pertencer àquele espaço, a Lomba do Pinheiro não possuía escolas de Ensino Médio, o que reforça, como o autor menciona, os espaços que estão reservados para os sujeitos das ditas periferias: trabalhos como faxineiras, serventes de obra, etc., sendo assim, Falero, que precisava pegar ônibus para cursar o ensino médio e ora não tinha dinheiro para o lanche, ora não tinha dinheiro para a passagem, migrou, como tanto jovens, da escola para subempregos para pelo menos auxiliar no sustento da casa. Assim sendo, a hostilidade com que a professora tratou a criança o violentou de maneira tão profunda que aquela tornou-se a primeira e a última vez em que ele colocou sua voz na sala de aula e, ainda, a última vez que tentou fazer parte daquele espaço, até que finalmente a escola o expulsou definitivamente, dessa vez para o mercado de trabalho, mais precisamente para seu primeiro emprego como auxiliar de pedreiro.

1.1 CAMINHOS ATÉ A PUBLICAÇÃO

A Vila Sapo, vila localizada no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, até então não aparecia nos mapas da cidade, emergindo, junto ao escritor, em sua 1ª publicação, *Vila Sapo*¹⁴ (2019), pela Venas Abiertas, editora alternativa desenvolvida para dar espaços para essas vozes há tanto tempo rechaçadas no cenário editorial.

A literatura, a escrita e a língua são utilizadas como forma de poder, portanto, são dominadas por aqueles que estão nos lugares privilegiados da sociedade. Dessa

¹¹ HENRIQUE, loc cit, p.12

¹² Racionais MC's. *Sobrevivendo no inferno / Racionais MC's*. — 1ª-Ed. — São. Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹³ El País. Loc.cit p.12.

¹⁴ FALERO, José. *Vila Sapo*. Belo Horizonte: Venas Abiertas. 2019.

forma, as editoras populares, como a Venas Abiertas, surgem com o intuito de dar visibilidade para narrativas como a de Falero que, após sua primeira publicação, logo no ano seguinte, levaria a público pela editora Todavía seu romance *Os supridores*, narrativa que ficou guardada por mais de 10 anos, pois não havia espaço no mercado editorial para sua voz.

A Venas Abiertas,¹⁵ fundada em 2018, foi idealizada pela escritora e professora Karine Bassi, mulher negra e periférica que, tendo seus escritos desvalorizados no cenário editorial, colocou em prática o projeto de criação de uma editora voltada para escritos de minorias. Assim, a editora vem possibilitando a inserção de autores marginais no mercado editorial, abrindo portas para suas vozes emudecidas, atuando contra a invisibilidade de pessoas periféricas e de suas produções artísticas, valorizando seus escritos, suas vidas e suas histórias.

Deste modo, a partir do trabalho desenvolvido por Falero e do apoio de Karine, o escritor lançou-se no mundo editorial, de porta em porta, com seu *Vila Sapo* na mochila para vendas e para divulgação. O árduo trabalho rendeu bons frutos e sua obra parou na mão do professor e escritor Luís Augusto Fischer,¹⁶ que possibilitou o contato de Falero com a editora Todavía, efetivando, assim, a publicação da obra-objeto deste estudo.

Tal obra, que foi agraciada em novembro de 2021 com o prêmio AGES Livro do Ano 2021, na categoria narrativa longa, e também com o Prêmio Academia Rio-Grandense de Letras 120 Anos, recentemente traduzida para o francês pela editora *Métailié*, é lançada como a aposta da temporada e recebe aclamadas críticas e comentários elogiosos sobre sua escrita.

A ainda incipiente abertura do mercado editorial para vozes diversas, como explica o autor, antes esquecidas e negligenciadas, possibilitou não somente seu reconhecimento, mas uma nova perspectiva para a literatura, descentralizando-a dos cânones e dos lugares privilegiados de produção e circulação para levá-la diretamente a esse outro espaço geográfico, mas agora, acima de tudo, existencial, agora com as lentes de dentro, de quem o vive: nas periferias, assevera o autor, sempre tivemos o que dizer: “o mercado editorial está se abrindo, aos poucos, para as vozes periféricas,

¹⁵ “Nasce em 2018 como um novo selo fomentador da literatura produzida por figuras à margem do mercado editorial, valorizando e disseminando a literatura produzida por mulheres, negres, LGBTQIA+ e periféricos.” Apoiar-se disponível em: <https://apoia.se/venasabiertas>. Acesso em: 19 set. 2022.

¹⁶ [Estação Cidadania](https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/episodio/02-entrevista-com-o-escritor-jose-falero) - #02 – Entrevista com o escritor José Falero. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/episodio/02-entrevista-com-o-escritor-jose-falero>. Acesso em: 19 set. 2022.

porque há uma demanda reprimida por nossa arte. Nós sempre tivemos o que dizer. Eu não sou uma exceção¹⁷”.

Portanto, essa abertura do mercado editorial viabilizou diferentes percepções e construções de sentido para a literatura, uma vez que o leitor e residente da Lomba do Pinheiro e de outras periferias pode experimentar vivências compatíveis com a sua além de possibilidades de identificação para com as suas vestimentas, suas gírias, sua realidade de invernos sem cobertas e verões sem ventilador¹⁸ e, principalmente, para com os mesmos sonhos seus. Outrossim, a publicação por uma grande editora coloca as reflexões de José nas sensibilidades e mentes daqueles que formam a elite do país, conduzindo a classe média para caminhar dentro das favelas, para testemunhar a violência e as desigualdades sociais que não percebem de dentro de seus condomínios e para denunciar que a sua boa vida é fruto da exploração da mão de obra e da vida de outros.

Muita resistência para publicar “Os supridores”, tentei publicar por vários meses, entrei em contato com várias editoras. Nunca me responderam. Escrevi uma segunda versão, reescrevi o livro e tentei publicar de novo. E nenhuma editora. E teve ainda a terceira versão, a dos diálogos (linguagem coloquial) e essa sim foi publicada. Mas acho que não tem a ver com a temática das drogas, de palavras. É mais uma questão assim: se a gente for analisar a sociedade brasileira hoje, tem uma série de pautas que as pessoas estão debatendo, que não se debatia 20 anos atrás. E o que trouxe essas pautas? Foi a partir do momento em que se empregaram políticas públicas, por exemplo, as cotas para pessoas negras, de baixa renda, de periferia entrarem para a universidade. E são essas pessoas que, dentro do mundo acadêmico, geraram debates de que já se falava desde os anos 60, mas da maneira como é hoje é mais recente, o racismo estrutural, o machismo estrutural, a importância de a gente entender que a periferia não pode ser estigmatizada da forma como é diariamente nos jornais. Não é um lugar só de violência, é onde as pessoas produzem cultura.

19

Felizmente, os longos 10 anos em que *Os Supridores* ficou dentro da gaveta não fizeram com que o autor, que tem tanto a dizer, desistisse, pelo contrário, seguiu aperfeiçoando seu texto. Falero ainda ressalta que, mesmo sem o reconhecimento,

¹⁷ RIBEIRO, Bruno. José Falero, o ex-supridor de supermercado que se tornou o escritor mais discutido do Brasil. [S. l.]: Revista Opera, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 19 set. 2022.

¹⁸ FALERO, José. *Os supridores*. SP: Todavia. 2020. p. 20.

¹⁹ NOGUEIRA, Paulo. José Falero conquista crítica e público com "Os supridores". Estado de Minas, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna_pensar,1241051/jose-falero-conquista-critica-e-publico-com-os-supridores.shtml. Acesso em: 18 out. 2022.

ser escritor é o seu maior desejo, escrever por escrever, pois é uma necessidade básica para sua existência, para “achar sua voz” e dar voz aos seus.²⁰

1.1.1 A LOMBA – PORTO INVISÍVEL... ²¹

FIGURA 1 - MAPA DA LOMBA DO PINHEIRO



Fonte: Wikipédia.²²

A Lomba do Pinheiro, bairro periférico de Porto Alegre localizado na zona Leste da cidade, formado inicialmente por ocupações rurais, hoje tem sua urbanização composta, principalmente, por um aglomerado de vilas marcadas por desigualdades sociais, falta de saneamento básico e de infraestrutura. A procura pelas áreas mais afastadas de Porto Alegre se deu por diferentes motivos, como “a elevação dos preços dos imóveis na área central da cidade; a remoção de vilas, também na área central” (FONTOURA, 2005, p.46). No entanto, essa segregação não é reservada apenas às áreas mais distantes de Porto Alegre, como a Lomba do Pinheiro. Junto com Pedro, o leitor caminha por essa Porto nada Alegre conhecendo outros espaços existenciais que fazem refletir sobre o conceito geográfico de periferia e território e, principalmente,

²⁰ Anotação pessoal registrada no dia 18/08/2022 às 08:30 no Colégio Marista Graças durante o evento Incentivo e mediação à Leitura organizado pela instituição.

²¹ DECLERCQ, Marie. ‘Humanizar o desumanizado’: escritor retrata parte ignorada de Porto Alegre. TAB UOL, 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/17/anime--vilas-jose-falero-traz-retrato-de-parte-ignorada-de-porto-alegre.htm>. Acesso em: 19 set. 2022.

²² Lomba do Pinheiro In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lomba_do_Pinheiro. Acesso em: 18 out. 2022.

como esse espaço está demarcado mais pelas exclusões e pelas ausências do que pelos limites geográficos, como reflete Falero em diálogo com a sociologia e o pensamento de Pierre Bourdieu:

isso é bem complexo. Aqui em Porto Alegre tem alguns exemplos. Tu tem a Vila Planetário, e por que ela é periferia se ela está a um passo do Centro, do lado do Palácio da Polícia? Faz sentido talvez chamar o Pinheiro (Lomba do Pinheiro), que é bem pra cá, quase fronteira com Viamão, então geograficamente não faz sentido chamar a Planetário de periferia, mas eu chamo. Tem regiões nobres da cidade que são afastadas do Centro que chamaria de periferia geograficamente, mas eu não chamo, por quê? Porque a periferia não é só uma questão geográfica. Também tem o fato de tu estar afastado dos centros culturais, das coisas que são consideradas culturais. Bourdieu, por exemplo, e o capital cultural: tu mora na Planetário, então tu tá perto dos centros de cultura, mas acontece que o que é “tido” como cultura, os valores que são considerados como tais, que são valores reconhecidamente culturais, não te interessam, não têm a ver com a tua vida. Então, desse ponto de vista, tu estás afastado da mesma forma. Aquelas coisas que tu considera cultura no teu ambiente: o rap, hip-hop, o funk, a literatura marginal que tá surgindo agora e que circula muito nesses meios, o próprio slam, nada disso é comprado pela sociedade como cultura. Desse ponto de vista tu tá afastado, e daí tu tá afastado do ponto de vista econômico, de uma série de questões de infraestrutura. A Planetário é do lado do Centro, mas os garis não varrem ali. Os garis pagos com o dinheiro público não varrem ali. Periférico nesse sentido: afastado das coisas que são importantes pra vida das pessoas, dessas coisas que garantem dignidade pras pessoas. É assim que eu vejo a periferia, como o espaço não só geográfico, mas também existencial.²³

Dessa forma, podemos pontuar território aqui, como descreve o autor, enquanto um espaço existencial, incorporando um conjunto de outros espaços que não se limitam pelas fronteiras impostas geograficamente, ou seja, um espaço subjetivo em que há reconhecimento e pertencimento entre seus sujeitos, assim como defende o geógrafo Milton Santos:

o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. Aliás, a própria idéia de nação, e depois a idéia de Estado Nacional, decorrem dessa relação tornada profunda, porque um faz o outro. (SANTOS, 1999, p.8)

Essa perspectiva considera, portanto, o território enquanto um espaço relacional, ou seja, espaço formado e transformado pelas relações histórico-sociais, pelas vivências e experiências dos seus ocupantes. Cavalcante (2016, p.28) postula

²³ SILVEIRA, Jacira Cabral. Periferia como demarcação social. Porto Alegre: Jornal da Universidade. Ago. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-como-demarcacao-existencial/>. Acesso em: 19 set. 2022.

ainda que “a perspectiva relacional inclui a ideia de que as relações sociais é que produzem o território, mas ao mesmo tempo são produtos deste”. Isto posto, percebe-se como esse espaço territorial não só é constituído por seus sujeitos como também constitui a subjetividade desses indivíduos, formando aquilo que Zilá Mesquita (1995, p.87) intitula *territorialidade cultural* e que se expõe nas manifestações de usos, linguagem, costumes etc.

A territorialidade, portanto, trata-se da ação coletiva em transmutar aquele espaço através de pertencimento e comunhão, como o que ocorre nas favelas e periferias com a criação de sindicatos e associações que trabalham a fim de melhorar as condições de vida nesses espaços precarizados. Cavalcante ainda acrescenta que

a territorialidade humana enfatiza os aspectos culturais de cada grupo, todavia a materialidade e os aspectos naturais do ambiente também precisam ser considerados, pois eles são, no mínimo, limitadores ou condicionadores das diversas possíveis relações que o grupo pode estabelecer entre si e com o próprio espaço. (CAVALCANTE, 2016, p.30)

Torna-se claro, portanto, que a revolta e a aflição que Pedro, personagem, e o autor, Falero, apresentam na narrativa não são causadas pelo espaço territorial que ocupam. Ao contrário, o espaço da periferia é o espaço de pertencimento e identidade desses sujeitos. É esse espaço existencial que compõe a sua essência pessoal, que compõe sua criticidade, a sua personalidade e a sua existência, pois é ali que há identificação, mesmo que estejam em outras periferias, aquele espaço é o espaço de vínculo. É o espaço em que o sujeito sente-se pertencente, onde não precisa sentir medo e ansiedade pela sua segurança, pois ali é onde estão os seus. Mano Brown postula esse pertencimento ao citar na canção *Fim de semana no Parque* os versos “é lá que moram meus irmãos meus amigos, E a maioria por aqui se parece comigo”.²⁴

Destarte, as territorialidades culturais que permeiam a obra não só apresentam um espaço geográfico que comporta esse enredo impiedoso da criminalidade, da exploração e da injustiça social, mas também formam a subjetividade daquelas vozes narrativas. É esse espaço existencial que constrói a subjetividade desses personagens, que encorpa as suas reações, as suas percepções de mundo e as suas necessidades. Em diálogo com isso, Sérgio Vaz, em seu *Manifesto da Antropofagia periférica*, fala sobre a união da periferia que se dá justamente por meio da dor e da cor, mas também pelo amor, amor este que projeta um futuro digno:

a Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras

²⁴ RACIONAIS MC'S. Raio X Brasil. Zimbabwe Records. 1993.

um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.²⁵

Esse espaço subjetivo não aparece de forma meramente geográfica, mas como espaço de orgulho, espaço de altivez, espaço de afeto. É desse espaço que parte o olhar para o mundo, é esse espaço-lente que transforma simbolicamente a forma de ver e sentir o mundo. Deste modo, o espaço está intrinsecamente interligado à construção identitária de seus sujeitos-pertencentes, assim sendo, toda a construção cultural, linguística e social desses indivíduos é perpassada e transformada por esse espaço-pertencer. Assim, Falero acrescenta:

a mesma transformação que o território causa nas pessoas da vida real, causa nos meus personagens também. E isso influencia na linguística, em como essas pessoas conversam, e também na subjetividade de modo geral dessas pessoas, em suas bagagens intelectuais, em suas referências culturais que essas pessoas carregam, no modo de pensar, no humor...²⁶

Por esse ângulo, compreende-se o que Falero explica ao dizer “mais do que um ponto geográfico específico num mapa, é um lugar existencial, onde existimos da forma como existimos, e isso acontece em diversos lugares ao mesmo tempo”²⁷. A periferia, portanto, é o espaço de construção da subjetividade desses sujeitos e, apesar da precariedade, é de lá que surgem o seu melhor e o seu pior, a sua perseverança, o seu senso crítico e o seu senso de coletividade pois, quando um favelado ganha voz, todas as nossas/suas vozes ecoam.

²⁵ VAZ, Sergio. Sergio Vaz: Manifesto da Antropofagia periférica. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 19 set. 2022.

²⁶ Entrevista concedida por áudio via e-mail para a autora do estudo no dia 02 de set de 2022, às 18:36.

²⁷ MARKO, Katia. et al. José Falero: “De onde venho nada é sozinho, tudo é sempre coletivo”. Brasil de Fato, Porto Alegre, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 19 set. 2022.

2 LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA: A DEMANDA REPRIMIDA FRUTO DE UMA TRADIÇÃO LITERÁRIA EXCLUDENTE.

O literato José Falero vem da periferia e escreve para a periferia. Esta, que antes era apenas objeto ou inspiração para a produção literária de autores como Rubem Fonseca, hoje, na literatura contemporânea, ganha status de sujeito; com vozes como a do escritor, que vêm de dentro para explorar todas as possibilidades da arte e desmistificar os olhares que antes vieram de fora para dentro. O escritor da Lomba do Pinheiro transforma as experiências, as vivências e as construções sociais, além da linguagem, pois as traz das margens para o mundo. A estudiosa Dalcastagné (2002, p.34) esclarece que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes.” Dessa forma, a voz de José urge como forma de quebrar esse silêncio imposto por aqueles que tomaram posse dos bens culturais, tornando-os, assim, bens de consumo de uma elite abastada. Falero assume, portanto, o lugar de “artista-cidadão”, qualificação dada por Sérgio Vaz que define:

é preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.²⁸

Reforço novamente com as palavras da estudiosa que o campo literário, assim como os diferentes espaços públicos da sociedade, contribui para ratificar essa exclusão sistemática dos sujeitos desprivilegiados ao acesso à voz.

Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. (DALCASTAGNÉ, 2002 p.38)

A obra exige uma leitura para além do exotismo pela temática, quer dizer, um olhar atento, um olhar sensível para as histórias que são narradas, para as denúncias que são feitas e para a violência que acompanha moradores de tais espaços sociais. A pesquisadora Dalcastagné (2002, p.43) toma por exotismo a ação de olhar para a obra com o olhar de superioridade e de preconceito, retirando dessas narrativas seu valor estético literário e classificando-as como subliteratura. Dessa forma, torna-se

²⁸ VAZ. Loc. cit. p.25

evidente a relevância deste estudo para a literatura contemporânea, como evidenciam Dalcastagnè e Tennina (2019),

refletir sobre a literatura brasileira contemporânea a partir desse ângulo é um caminho produtivo e mobilizador. Produtivo porque amplia consideravelmente o campo de visão que temos sobre a literatura e sobre a cultura brasileira. Mobilizador porque implica um rearranjo radical da prática e do lugar da crítica literária hoje. (DALCASTAGNÉ, TENNINA, 2019, p.9)

Os estudos sobre e das literaturas periféricas/marginais, principalmente no meio acadêmico, possibilitarão uma nova perspectiva e maior reconhecimento para essas obras que chegaram para renovar nosso entendimento de literatura e de cultura, ampliando olhares e vozes para além dos grandes centros e grandes editoras. Isto é, a Literatura Marginal-Periférica atua como um tensionador na estrutura conservadora do cânone literário brasileiro, que estabelece modelos de expressões, temáticas e linguagens em que há concessões valorativas e interpretativas baseadas em interesses ideológicos de uma minoria intelectual, branca e elitista da sociedade. A professora Soares (2021) pondera em seu estudo para dissertação de mestrado *A voz da rua: resistência negra e feminina no movimento Poetry Slam*, que essa estrutura resulta na construção literária como forma de manutenção e de reprodução do poder social, excluindo diversos autores e obras por não preencherem os critérios preestabelecidos por esse sistema. Consoante a Soares, Dalcastagnè (2007), afirma que o campo literário brasileiro é composto majoritariamente por homens, brancos, de classe média, assim como grande parte dos campos da esfera pública, tornando-se, assim, um espaço de exclusão. Isto é, estigmatiza-se e relega-se a posições secundárias aqueles que estão marginalizados em relação a esse status, portanto, em suas produções literárias há representações idealizadas de sua realidade de classe média e estereótipos de brutalidade e ignorância para com o outro.

Para iniciarmos as discussões sobre a relevância e a designação que o livro recebe enquanto literatura marginal/periférica é preciso discorrer sobre o que é periferia/favela e marginalidade. A antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (2019), em seu artigo intitulado *Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano*, dialoga sobre o aparecimento do termo “periferia” por volta de 1940, em decorrência da necessidade de nomear as áreas que surgiram com o processo de expansão nas cidades, majoritariamente ocupadas por casas e por construções improvisadas e irregulares, que além de toda precariedade eram geograficamente afastadas dos grandes centros urbanos. Todavia, afirma a pesquisadora que é preciso demarcar que atualmente a nomenclatura remete a diferentes conjunturas, além de

múltiplas representações sociais, práticas e identidades, como também fica evidente na obra de Falero com a Vila Lupicínio Rodrigues que, mesmo tão próxima do Centro da cidade de Porto Alegre, sofre com infraestrutura precária, falta de saneamento básico e com a violência. Falero, em suas entrevistas, ressalta que mesmo havendo um centro cultural próximo à Vila, seus moradores não frequentam o local, pois, mesmo que estejam próximos geograficamente, são constantemente excluídos socialmente de ambientes relacionados à cultura, à história e ao lazer (ou, melhor dito, a um tipo de cultura, história e lazer, ligado ao privilégio e à hierarquia social).

Deste modo, pode-se dizer que há favelas de todos os tipos, desde as mais distantes do centro urbano até aquelas distanciadas pelo esquecimento e pela segregação humana. Contudo, mesmo que haja favelas de todos os tipos, para seus moradores e conhecedores a favela só se mostra como um espaço de exclusão, um espaço de sofrimento. Para Carolina Maria de Jesus, “quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (2014, p. 34). Para Ferréz, escritor da periferia paulista, a mensagem é direta: “Capão Redondo Bem-vindos ao fundo do mundo” (2016, p.164).

Na verdade, existem favelas de todo tipo; algumas são antes esparsas que densamente povoadas; outras têm ruas bem traçadas e espaços abertos [...] e muitas, com o correr do tempo, melhoraram enormemente em termos de materiais de construção e serviços urbanos. O que, afinal, distingue a favela de muitas outras comunidades pobres que lhes são semelhantes é a ocupação ilegal da terra. (PERLMAN, 1977, p.40)

Se há favelas de todos os tipos, para as elites e para a mídia existem nesses lugares apenas pobreza, miséria e violência. A marginalidade também carrega um peso pejorativo em sua semântica. Castilho e Nascimento (2021), ao buscarem o sentido de “Marginal” em dicionários, concluem que em relação à lei, à sociedade ou à posição geográfica, os sentidos no imaginário social são alicerçados na configuração de crime e de violência para aqueles que não estão ligados ao centro. Apesar de a literatura abranger sentidos mais diversificados, também se mantém na discursividade produzida pelas classes privilegiadas uma forte ligação na materialidade do dizer em que denotam inferioridade e marginalização para a população das periferias. Neste sentido, Perlman (1977) discute sobre os diversos equívocos que esse termo e essa população carregam, trazendo diferentes perspectivas para o conceito de marginalidade e desmistificando os diversos estereótipos que se perpetuaram. A autora discorre que

o estudo do conceito da marginalidade é de particular relevância porque as ideologias e estereótipos que a ele se associam afetam as vidas de milhões

de pobres moradores de favelas ou cidades. Este conceito virtualmente criou asas, e se popularizou como uma teoria coerente apesar – ou, talvez, precisamente isso – de se basear num conjunto de hipóteses mal concatenadas e bastante ambíguas. A marginalidade também tem sido usada em muitos debates como uma cortina de fumaça atrás da qual continuam a ser conduzidas velhas batalhas ideológicas – tais como as que se batem a respeito da natureza do sistema social, o processo de modernização ou as implicações do capitalismo e do imperialismo. (PERLMAN, 1977 p.123)

Dessa forma, como pudemos verificar em Nascimento (2019), alguns autores procuram utilizar a terminologia periférica para fugir do teor negativo atribuído ao termo marginal. Neste termo, como é possível identificar em algumas entradas do dicionário *Michaelis*²⁹ e também no vocabulário da mídia e da população em geral, há significância de perigoso, *vagabundo*, *ligados à criminalidade e à violência*. O que retoma a memória histórica de pobre e preto como criminoso, suspeito e perigoso. Perlman (1977, p.124) enfatiza ainda que “tanto os favelados quanto as favelas recebem, portanto, rótulos sociais de nítido cunho político, o que se transmite ao longo do processo socializante”, e esses rótulos que dominam espaços midiáticos colocam a favela como centro de criminalidade, de drogas e de violências, definindo-a, assim, como um problema para a cidade, como um perigo para a estética e a segurança da urbanidade e não como um problema social provocado por projetos de Estado excludentes. Dessa forma, encorajam-se estigmas de exclusão e discriminação com a população periférica.

Nesse sentido, a literatura marginal periférica atua na desmistificação desses estigmas, criando perspectivas positivas e complexificadoras para a favela e os seus sujeitos, como afirma a pesquisadora Luana Loria:

A literatura favelofágica torna-se um instrumento para produzir contranarrativas literárias sobre as periferias, comprometendo-se a divulgar proposições e leituras sobre outros mundos. Desse modo, através da subversão desses estereótipos, dá-se ênfase à potência e à vitalidade desses espaços, que permanecem sendo abalados pela narrativa dominante. (LORIA, 2017, p. 144)

A autora esclarece em seu estudo *Manifestações artísticas como contranarrativas: estudos de casos das periferias do Rio de Janeiro e de Lisboa* (2017), o conceito de contranarrativa como uma resposta contra-hegemônica, isto é, uma manifestação que apresenta outras possibilidades discursivas para além daquelas produzidas e lidas pela centralidade dominante. Portanto, se manifesta como um ato de resistência, resistência da hegemonia discursiva, de práticas e de

²⁹ Marginal. In: Michaelis – dicionário brasileiro da língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marginal/>. Acesso em: 20 set. 2022.

imaginário. Neste sentido, a escrevivência – conceito de Conceição Evaristo que aborda o escrever e a vivência atrelados – marginaliza narrativas intersubjetivas que oferecem pontos de vistas, histórias, vivências e leituras de mundo heterogêneas, assim

Detectar novas narrativas sobre as periferias poderá ser um instrumento para observá-la com um olhar diferente e inovador, de modo a superar a percepção desses espaços como anomalias dentro de uma perspectiva evolucionista e dualista, ambas as características da visão eurocêntrica e etnocêntrica. (LORIA, 2017, p.96)

À vista disso, a literatura marginal ou literatura favelofágica, como denomina Loria, comporta essas novas narrativas sobre a periferia, suas histórias, seu povo, suas culturas e suas realidades, viabilizando novos horizontes para a periferia, colocando-a como espaço de potencialidades, de crescimento e inovação. A literatura favelofágica para a estudiosa diz respeito a um neologismo que

compõe-se do termo favela, agregando ao sufixo grego -fagia- que significa “alimentar-se de”. Nesse sentido, a expressão sinaliza o ato de se alimentar da favela, das ideias, das experiências vividas e dos pensamentos surgidos nesses espaços, mas também se alimentar do outro, do próximo, do diferente, do desconhecido. A Favelofagia caracteriza-se por uma pluralidade de reflexões e de narrativas e o elemento que denota sua especificidade é a clara demarcação do lugar de enunciação e de fala, a partir do qual as reflexões e as narrativas dos escritores surgem e se propagam. (LORIA, 2017, p.139)

Neste sentido, a literatura de Falero apodera-se dos conhecimentos, das histórias, das pessoas e das vivências da periferia como a sua construção narrativa, entretanto, não apenas se alimenta desse espaço periférico para a narrativa, mas toma posse de conhecimentos, de conceitos e de realidades que circulam fora desse espaço geográfico segregado, contribuindo, assim, com a riqueza de sua narrativa que traz inspirações de jogos eletrônicos, de narrativas coreanas e do cânone literário brasileiro, além, claro, de seus companheiros de *quebrada*, das histórias que ouviu na comunidade e das discussões de bares. Assim, a literatura produzida e pensada por autores periféricos e pensada nesta perspectiva relacional da territorialidade, para além do espaço geográfico, relaciona-se também com aquilo que circula fora desses espaços.

Embora Falero se coloque em uma posição neutra quanto à classificação de sua obra, apresenta dois vieses possíveis para a denominação. O escritor, em diálogo com a autora deste estudo, diz que é indiferente, mas ressalva que depende muito de onde vem a classificação e para quem é dirigida a mensagem. O romancista coloca duas situações possíveis para a classificação: a primeira enquanto forma de

deslegitimação da sua escrita como literatura, classificando-a como literatura marginal – representando assim um subgênero da literatura –, uma quase literatura, que ainda não é, o que colocaria a obra enquanto testemunho ou documento sociológico. E esse olhar para a literatura marginal age para a exclusão desses autores de espaços de divulgação, de diálogo, de eventos literários, etc. devido ao apequenamento de suas narrativas.

Mas o outro olhar possível para a classificação é a demanda reprimida que a tradição literária excludente criou, ou seja, muita gente querendo ler histórias que até então não chegavam ao mercado editorial; leitores periféricos que anseiam por uma literatura mais próxima de suas realidades, mais representativa das identidades de um grupo de indivíduos que não lê justamente pelo afastamento da literatura de suas realidades. Como demanda reprimida criada pelo silêncio da tradição literária brasileira, recebe essa classificação enquanto um aviso da existência dessas obras para esse público, que enfim pode consumir/acessar literaturas mais representativas. Gracinda Barros, em seu verbete sobre literatura marginal/periférica, reforça essa carência de notoriedade provocada pela exclusão sistematizada e provocada pela tradição literária e define literatura marginal como “literatura das favelas”,

no início dos anos 2000, o termo ‘marginal’ aparece associado a um perfil sociológico de produção literária: autores que moravam ou já haviam morado nas grandes periferias do espaço urbano brasileiro, em sua grande maioria, da periferia de São Paulo, que começaram a ganhar espaço no cenário editorial. Temas como o cotidiano das favelas, a violência, a falta de recursos, o descaso e abuso das autoridades, entre outros, passaram a fazer parte de uma narrativa, até então, carente de notoriedade na literatura brasileira.³⁰

A professora pesquisadora Soares (2021), reflete sobre o importante papel da periferia enquanto desconstrução da imagem da periferia como uma produtora de violência, ressignificando-a para também produtora de bens culturais, como o *slam*, o rap, o funk, o grafite e o romance. Logo, a literatura periférica-marginal se apresenta como um tensionador de estereótipos, trazendo outras concepções estéticas e repesando outras categorias literárias e sociais por meio da literatura, provocando, dessa forma, o movimento de contranarrativa, revertendo aquilo que antes eram sentimentos de inferioridade e rebaixamento em altivez e orgulho, não se deixando definir pela centralidade.

³⁰ BARROS, G. Verbetes Literatura Marginal Periférica. In: Wiki Favelas - Dicionário de Favelas Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Literatura_Marginal_Perif%C3%A9rica. Acesso em: 20 set. 2022.

Apesar do apagamento dessa linhagem de contranarrativas nos circuitos acadêmicos e formativos, *Os Supridores* tem antecessores importantíssimos que conduziram até a visibilidade e o reconhecimento que hoje é possível perceber no campo literário; no entanto, é preciso recuperar parte dessa trajetória até a efetiva concretização da obra. Falero revela que a escrita de *Os Supridores* antecede sua primeira publicação em 2019, o livro de contos *Vila Sapo*. Em torno de 10 anos trabalhando e retrabalhando para a publicação, o autor revela que teve muitas negativas e que a efetiva publicação se deve à recente abertura do mercado editorial para literaturas periféricas, reforçando que sempre tiveram o que dizer, só não havia espaço. As pesquisas da antropóloga Nascimento sustentam que

cabe considerar que não é a primeira vez que na história da literatura brasileira registram-se casos de pobres, negros, moradores de favelas e periferias que publicam livros. Tampouco tem ares de novidade a estetização da pobreza, violência, mazelas sociais, cotidiano e contexto de favelas e periferias, ou ainda, a ficcionalização de experiências pessoais, que são características dessa literatura marginal-periférica. Porém, parece significativo que, no limiar do século XXI, autores sejam associados ao projeto estético de retratar o que é peculiar aos espaços e sujeitos marginais/marginalizados, principalmente com relação à periferia, numa escrita singular. (NASCIMENTO. 2019, p.20.)

Em vista disso, a terminologia *marginal* foi usada pela primeira vez na literatura para designar o movimento de poesia marginal dos anos 1970, nascido no Rio de Janeiro. O movimento, formado por escritores da classe média e média-alta, considerava-se marginal por estar fora do centro editorial, portanto, produziam e reproduziam seus poemas de forma artesanal – razão pela qual esse movimento era chamado também de Geração Mimeógrafo. Esses poetas marginais eram os principais responsáveis pela circulação e pela divulgação de seus materiais e, assim como Falero, se deslocavam de porta em porta com suas produções para venda e divulgação do seu trabalho. Todavia, o movimento era composto, majoritariamente, por jovens da elite, dessa forma, a “marginalidade” em questão deve-se apenas ao distanciamento em relação ao centro e aos meios editoriais.

Apesar da proximidade em relação à forma de divulgação - o *Vila Sapo* foi distribuído e divulgado pelo próprio autor que, com sua mochila, ofertava pelos bairros da cidade seu trabalho intelectual -, o autor e suas obras entram na geração seguinte, a do ano 2000, em que os autores são provenientes da periferia, engajados, críticos e politizados, além disso, estão à margem não apenas do circuito editorial, como de suas próprias cidades. Ou seja, nessa geração, o foco das produções está vinculado ao espaço de pertencimento do escritor, à temática relacionada à periferia. Gracinda

Barros explicita que além do engajamento político há também uma preocupação social com a circulação desses conhecimentos, possibilitando, assim, aos moradores desses espaços periféricos, acesso às obras literárias e aos bens culturais produzidos dentro das comunidades:

outro fator de destaque é o engajamento político e social presente não apenas nas obras literárias, mas na constante preocupação com a sua circulação e com o acesso a diferentes formas de bens culturais. Embora não existam estudos sistemáticos sobre a distribuição da literatura marginal e qual é efetivamente o perfil de seu leitor, os autores que se identificam com a literatura marginal periférica garantem que grande parte de suas obras literárias seja de livre distribuição em redes sociais, *blogs*, iniciativas de tiragens populares, como a editora *Selo Povo*, ou difundidas em importantes cenas culturais como a *Cooperifa*, *1daSul*, *Balada Literária*, além de projetos e intervenções em escolas públicas, palestras, oficinas, encontros e saraus.³¹

Dessa forma, a periferia é o espaço de centralidade dessas narrativas e é essa territorialidade que gesta seus criadores, suas temáticas, seus léxicos e suas subjetividades. Isto consoante a Oliveira (2013, p.211), que conclui que a literatura marginal – da qual José Falero faz parte – surge com o claro propósito de ocupar o espaço antes negado aos sujeitos desprivilegiados. Assim, o sujeito marginal, ao enunciar sua voz, o faz na tentativa de resistir às exclusões impostas pelo mercado capitalista, promovendo um deslocamento das margens para o centro.

A Literatura Marginal traz à luz a voz da periferia, entoada por seus representantes natos. E tem mais: esta Literatura pode ter entrado pela porta dos fundos, mas conquistou o mercado editorial trazendo autores até então marginalizados produzindo uma obra que retrata a realidade dos morros, das favelas, das comunidades, dos conjuntos habitacionais; uma literatura que grita no berro da polícia política do Estado [...], uma literatura que clama por seu espaço e se impõe.

De modo que não se trata de uma literatura periférica, porque aqui a periferia é o centro.³²

Dentro do recente reconhecimento dessa geração de autores marginais, tivemos alguns antecedentes, como Carolina Maria de Jesus, que tão cedo se infiltrou nessa bolha literária, em 1959, com o seu título *Quarto de Despejo*. Carolina, mulher negra, mãe, favelada, sonhadora e catadora de lixo, acolheu na escrita seus desejos, seus anseios de uma vida melhor e suas dores. Carolina insere sua voz na literatura, fala sobre seus amargores, sobre as violências que percebe na favela, sobre a sua vida e as de seus vizinhos, sobre os bêbados, os cachorros e as crianças. Retrata uma parte esquecida da sociedade, uma parte que ela chama de quarto de despejo.

³¹ BARROS. Loc. cit. 27.

³² CARVÃO, Andri. Perifobia de Lilia Guerra. Ruído Manifesto, março de 2022. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/perifobia-de-lilia-guerra-por-andri-carvao/>. Acesso em: 20 set. 2022.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p.33)

A obra, que acabou por obter grande reconhecimento, diversas traduções e diferentes estudos acadêmicos, ainda atualmente é questionada quanto ao seu valor literário. Qualificada como testemunho ou mesmo tendo descreditada sua autoria, ainda há resistência em qualificá-la enquanto literatura, revelando, assim, como a literatura e a língua são espaços de disputa, de prestígio e de poder. Desse modo, devemos, conforme potencializa Nascimento (2019), mais do que compreender ou abandonar os sistemas de poder, disputá-los para que as línguas também sejam espaço de luta.

Carolina disputou esse espaço de forma singela, mas entrou para o combate colocando ao sol sua voz e escrachando para a sociedade a bruta realidade da favela, da miséria e da fome. Dalcastagnè sustenta que a autora

já começa a escrever seus textos se sabendo em desvantagem, consciente de que precisa se legitimar enquanto escritora para poder construir uma representação de si mesma e daqueles que a cercam que se dignifique como literária (DALCASTAGNÈ, 2005 p.69.)

E, ainda assim, a autora não só publicou *Quarto de despejo* como também escreveu outras narrativas, como *Diário de Bitita* (1986) e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961). Dessa forma, a ex-favelada tensiona o cânone e a norma culta com a sua escrita subversiva e insistente, fazendo-se ouvir e alcançando o merecido reconhecimento.

Carolina é uma escritora peculiar: é indiscutível. De talento extraordinário, usou as formas que tinha na luta pela sobrevivência. Queria salvar a si e a seus filhos da fome, da vida dura na favela do Canindé, na capital paulista, no final dos anos 1950, além de ascender socialmente, mas também ser reconhecida como artista. (PENTEADO, 2016, p.25)

Contudo, esse reconhecimento durou pouco: revelada como novidade e como um caso curioso, sua ascensão serviu principalmente para artigo de consumo e curiosidade, de modo que logo a escritora foi descartada da cena literária e retornou à sua vida de catadora, mesmo não morando mais na favela, pois os direitos autorais não eram suficientes.

Carolina possuía pouco estudo formal e não manifestava forte engajamento social. Diferentemente de Pedro, leitor ávido, e do próprio autor José Falero, Carolina tinha pouca escolaridade e suas reflexões partiam das experiências de seu cotidiano;

dessa forma, não apresentava reflexões aprofundadas sobre a desigualdade social, sobre a forma com que seus vizinhos se relacionavam. É evidente que ela desprezava aquela existência e desejava uma vida melhor, uma vida digna, de sucesso e que sonhava deixar aquela miséria de lado. E, tanto nela quanto em Pedro, encontramos humanas contradições de modo que o senso comum os julga por seus desejos quase que obsessivos por dinheiro, desejos esses que também deitam em inúmeros travesseiros todas as noites.

Carolina antecipa o movimento de literatura marginal de 2000, se diferenciando assim da geração de 1970, conforme Nascimento:

cabe acrescentar que esses dois movimentos brasileiros de literatura marginal se concentraram em espaços geográficos diferentes. Os poetas marginais dos anos 1970 proliferaram em maior número no estado do Rio de Janeiro e a nova geração de escritores marginais, constituída por escritores da periferia, é predominantemente composta por moradores de São Paulo – embora seja preciso considerar que os dois estados compunham o eixo cultural dominante no país. (NASCIMENTO, 2006, p.20)

À vista disso, Carolina destaca-se na literatura Periférica-Marginal, não como um intento peculiar e curioso da favela, mas como precursora da personalidade da favela no meio literário, abrindo portas para que a favela fale sobre si mesma, para que as vozes periféricas se tornem sujeito das representações.

Sendo assim, destaca-se também Ferréz, primeiro escritor a denominar sua literatura com a expressão “literatura marginal”, com a obra *Capão Pecado*, de 2000. A narrativa baseia-se em suas experiências e vivências como morador da comunidade Capão Redondo, SP. Assim como Carolina, sua obra não obteve reconhecimento como literatura, mas, sim, como documento sociológico, como afirma Nascimento:

o romance não foi saudado como acontecimento literário, tampouco foi lançado sob o aval de algum crítico renomado, mas movimentou o interesse da imprensa que buscou evidenciar mais os aspectos sociológicos relacionados à produção do que as características da própria obra. (NASCIMENTO, 2019, p.20-21).

Apesar de não ter tido reconhecimento literário em grande escala, Ferréz alcançou e abriu espaços para muitos autores, artistas e escritores que estavam à margem do processo editorial, formando grupos de intelectuais da periferia. Integrando o selo de literatura marginal, puderam ter reconhecimento e suas vozes ampliadas pela *Revista Caros amigos* com a publicação do número *Literatura marginal – a cultura da periferia*, organizado por Ferréz e, em seguida, publicado em 2005 no suporte livresco pelo autor. A *Revista Caros Amigos* e a visibilidade que foi possível a

partir de sua criação retomam, mais uma vez, o que disse José Falero: “nós sempre tivemos o que dizer. Eu não sou uma exceção”. Esses autores se apossam, portanto, desse espaço para reivindicar o seu lugar no mundo da escrita e da literatura em geral, colocando suas demandas e suas perspectivas no jogo do campo literário, tornando-o assim um espaço de escuta, de voz e de representatividade.

A Literatura Marginal sempre é bom frisar é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita a margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom isso fica para os estudiosos, o que a gente faz é tentar explicar, mas a gente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta. Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos.³³

Perspectiva esta, em concordância com a de Oliveira (2013, p. 219), que aponta esse “apossar-se da literatura” pela periferia como forma ativa de ocupação na cena cultural, entretanto, sem uma postura de recusa da tradição canônica – como Carolina, que gostaria de ser valorizada e percebida pela elite cultural, e José Falero, que assume uma narração sofisticada na norma culta –, já que também se apropriam dela de maneira insubmissa, adaptando o trabalho artístico-literário com as demandas e os questionamentos das comunidades nas quais estão inseridos, isto é, “refuncionalizando, enfim, as formas literárias” (2013, p. 219).

Dentro dessa perspectiva, Castilhos e Nascimento³⁴ destacam a importância da presença de vozes “não autorizadas” na literatura que alcançam posicionamentos políticos-ideológicos para além dos sentidos estéticos, provocando discussões extensas sobre produção, circulação, olhar da crítica acadêmica e, inegavelmente, suscitando reflexões sobre valores, preconceitos e discursos sobre esses indivíduos desprivilegiados não apenas na literatura como em todo o espaço social.

Não obstante, a expressão “literatura marginal”, utilizada por Ferréz, ressalta, portanto, o contexto social ao qual estão vinculados os autores, os artistas e os escritores que produzem essa literatura: estão à margem da sociedade geograficamente, socialmente, politicamente, bem como à margem da produção e do

³³ FERRÉZ. Manifesto de abertura: Literatura Marginal Terrorismo Literário. Disponível em: <https://img1.wsimg.com/blobby/go/26fe1c05-bf31-423a-a4d9-a3156fa1d25d/downloads/TEXTO%20LITER%C3%81RIO%20FERREZ%20Manifesto%20de%20abertura.pdf?ver=1596896104467>. Acesso em: 20 set. 2022.

³⁴ CASTILHO, É. NASCIMENTO, A. Literatura e periferia(s): a emergência de outras vozes na literatura brasileira. Open Edition Journal, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/6563#ftn3>. Acesso em: 20 set. 2022.

consumo de bens culturais elitizados. No entanto, há também a utilização do termo literatura periférica porque, como demonstra o estudo de Nascimento (2019) sobre os autores que publicam sob o selo, há preferência pelo uso literatura periférica para evitar a duplicidade de sentido do termo marginal

nesse sentido, denota uma referência geográfica, mas também relacional com os chamados centros de produção cultural, além de ressaltar o pertencimento identitário e a relação afetiva que esses produtores estabelecem com o espaço social da periferia. (NASCIMENTO, 2019, p.23.)

Contudo, apesar das diferentes possibilidades de nomenclaturas, escolheu-se, neste estudo, não qualificá-la em uma vertente de literatura, nem tentar enquadrá-la em uma, e sim, analisar a geografia da violência urbana, muito presente na obra, uma vez que há uma clara descrição territorial que é importantíssima para o reconhecimento da urbanidade invisibilizada de Porto Alegre e que esse território, permeado pela violência e pela desigualdade social, atua na construção da identidade de seus sujeitos.

2.1 FACES DA VIOLÊNCIA URBANA: 'HUMANIZAR O DESUMANIZADO'³⁵

Ao acompanhar Pedro pelas vielas das periferias de Porto Alegre, descobrimos vieses da cidade há muito apagados ou ignorados. A obra apresenta descrições minuciosas sobre a cidade e sobre as suas vilas e tem sua singularidade revelada pelo conhecimento de base do narrador sobre esses ambientes. José Falero ocupa um lugar de fala daquele que nasceu, cresceu e ainda mora na ambientação de sua ficção. A periferia não é temática em sua obra, é lugar de memórias e de experiências muito conhecidas pelo escritor.

A periferia na obra de Falero não é apenas o plano de fundo da narrativa, o espaço em que se desenrola a história como em toda obra literária. Não é, tampouco, temática. A margem não é um espaço exótico e desconhecido tematizado para entreter seus leitores, mas é o espaço de existência de Falero, o lugar que ele reconhece, assim como em seus personagens estão seus vizinhos, e nos seus conflitos, cenas de discussão de bar.

A narrativa discorre sobre um tema muito pertinente e há muito tempo tratado na literatura. A presença das periferias das cidades na narrativa não é nenhuma

³⁵ DECLERCQ. Loc. cit. p.18.

novidade, nem mesmo é tema introduzido pelo autor, pelo contrário, circulam na mídia, no cinema, nos jornais e mesmo na literatura há muito tempo associadas às violências urbanas e às injustiças sociais.

Com o surgimento do romance urbano no século XX, tivemos grandes nomes que exploraram a temática da violência – em suas mais diversas facetas –, desde a violência institucional, velada ou mascarada, até o crime despropositado e o crime organizado. Tânia Pellegrini (2011) explora em seu artigo *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*, a constituição da nação brasileira em torno da violência. A autora evoca diferentes momentos históricos da constituição do Brasil, desde a sua invasão, que são permeados pela violência – violência direcionada frequentemente às minorias e tão impregnada na estrutura social brasileira que repercute em todas suas expressões, principalmente na arte, espaço muitas vezes de denúncias.

A literatura desenrolada nas margens das cidades, já permeada pelas instituições de poder e regulação social e suas legitimidades, coloca seus personagens sob o olhar ambíguo da criminalidade e das leis, explorando, portanto, essa dualidade da violência. Na obra de referência, encontramos essa nuance entre a violência legalizada e a ilegal sem maniqueísmos ou moralismos de seu narrador. Por apresentar diferentes perspectivas da violência – inclusive algumas de forma bastante explícita –, pode causar certo desconforto em seu leitor. Dentro dessa perspectiva, alguns poderão reconhecer traços da presença de Rubem Fonseca com suas cenas de atos brutais e, por vezes, despropositados. E também a presença de Conceição Evaristo que, assim como Falero, ganhou espaço na literatura brasileira atual com suas narrativas fortes, poéticas, simultaneamente mansas e dolorosas. Sem rodeios e sem meias palavras, com criticidade cortante e crua, ambos fazem o leitor se confrontar com vivências devastadas pelo medo e pelo sofrimento.

Rubem Fonseca pode ser visto como um dos autores de renome nesse tipo de literatura, renovada com as suas obras permeadas pela brutalidade e pelos lados sombrios da humanidade, examinados por um intelectual de classe média da zona Sul carioca. Publicações como *Feliz Ano Novo* (1975) e *Romance negro e outras histórias* (1994), com temáticas cotidianas permeadas pela violência e pela criminalidade, trazem enredos de extrema violência e pornografia tanto nos estratos mais baixos quanto na elite. Há que lembrar, além da condição de autor de classe média, sua inserção como policial desde o período da ditadura militar, que lhe permitiu acessar experiências específicas nessa esfera tão próxima ao crime. Tânia afirma que

Rubem Fonseca ainda é o mais festejado representante dessa vertente, tendo se tornado uma espécie de matriz da qual brota uma linhagem de “novíssimos” autores contemporâneos dedicados a tematizar todos os tipos de violência. Ele já apontava para a construção de um novo mundo urbano como objeto ficcional, pois, representando uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, permitia, de alguma maneira, a reflexão sobre ela e a emergência mediada de vozes abafadas culturalmente. (PELEGRINI, 2011, 20)

Em outras palavras, Rubem Fonseca, mesmo não ocupando um espaço de marginalidade social, trazia em suas obras existências até então apagadas, em sua maioria de negros e miseráveis, colocando em cena os efeitos da desigualdade social nos relacionamentos humanos. Além disso, a narrativa de Rubem Fonseca, ao dar voz aos marginais, de certa forma, os humaniza, apesar dos mecanismos violentos utilizados, pois justifica suas ações brutais como consequência das negativas e das injustiças vivenciadas.

Essas narrativas de violência, tanto a fonssequiana quanto a faleriana, colocam lado a lado dois tipos de violência muito presentes em nossos cotidianos: a violência legalizada, como a exploração, a fome, a miséria, e a violência ilegal, aquela praticada majoritariamente pelos sujeitos à margem, como o roubo, a venda de entorpecentes, etc. Dessa forma, a amoralidade ou a ilegalidade são “justificadas” pela criminalidade cometida também pelo sistema, pelo Estado, que coloca sua população em situação de precariedade e de vulnerabilidade.

Conceição Evaristo, por sua vez, aborda em suas narrativas a violência racial e de gênero, com suas personagens negras, jovens, mulheres vítimas de atrocidades que afetam e mesmo perturbam o coração de seus leitores. Com toda sensibilidade e suavidade, a escritora mineira direciona para a centralidade da narrativa vozes da subalternidade, dores deslegitimadas e emudecidas que fazem emergir uma memória traumatizada que acompanha corpos marginalizados desde a formação da nação brasileira. Apesar de Evaristo, hoje, ser doutora pela Universidade Federal Fluminense, suas raízes vêm da margem da sociedade, mais precisamente de uma realidade familiar de mulheres negras domésticas, cozinheiras e faxineiras. Nascida na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, nesse mesmo espaço a fabulação esteve sempre presente, tanto nas histórias ouvidas, como nas contadas por Conceição.

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de

gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvir conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos.³⁶

A autora estreia na literatura em 1990, na série *Cadernos Negros*, seguindo sua trajetória literária com *Ponciá Vicêncio* em 2003, *Beco das memórias* em 2006 e *Insubmissas lágrimas de mulheres* em 2011. Sobressaem o protagonismo feminino e seu olhar poético para com as vivências e resistências negras e femininas que são reincidentes em seus romances, contos e poemas. Assim como José Falero, Conceição faz do seu entorno alimento para suas narrativas - tão permeadas de dor e violência - utilizando, portanto, a escrita como forma de insubmissão e de resistência, transformando a realidade tão dolorida em poesia e voz, isto pois, a violência em seus escritos vai para além da denúncia. A violência atua como uma pedagogia transformadora, é a partir do conhecimento dessa violência que os olhares se modificam, é a partir do conhecimento dessas violências que os espaços são lidos e interpretados. Essa violência molda a subjetividade e a forma de lidar com a vida desses sujeitos.

Deste modo, é a vivência com essa realidade violenta e de negativas que transformam os olhares para entender que a criminalidade e a violência vão muito além do imaginário social criado pela mídia de que apenas a periferia e seus moradores são produtores de impetuosidades. Destarte, a violência se relaciona diretamente com a língua, o território e a cultura na constituição do sujeito periférico

em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos³⁷

Dessa forma, a violência, tão presente em suas narrativas, não busca justificar mais violências, como em Rubem Fonseca, mas humanizar as dores vividas nesse espaço negligenciado. Conceição humaniza existências antes apagadas e

³⁶ EVARISTO, conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Z Cultural. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 20 set. 2022.

³⁷ EVARISTO. Loc. Cit. p.36.

desconsideradas, criando assim suas próprias heroínas, não heroínas que tudo suportam, mas que, sofridas e exaustas, se mantêm resilientes. Portanto, a violência que atravessa esses espaços serve também como lente para as perspectivas que transbordam da periferia em virtude de que a leitura de mundo desses sujeitos é perpassada pelos ensinamentos dos quais o espaço de violência proporciona. Isto é, aprende-se a viver este lugar e neste lugar a partir das transformações provocadas por essa constante violência, seja na revolta, seja na criticidade, seja no humor ou mesmo na alienação, todas essas lentes são moldadas e penetradas pela violência.

Logo, é possível perceber nas literaturas de sujeitos periféricos e minorias em geral aquilo que Conceição Evarista cunha por *Escrevivência*, pois seus escritos são atravessados pelas vivências, experiências e horizontes desses indivíduos, redirecionando o entendimento de literatura, cultura, violência e tanto outros termos e categorias que são pensando a partir de uma centralidade pelo atravessamento da subjetividade de escritores marginais.

Quando falei da *escrevivência*, em momento algum estava pensando em criar um conceito. (...) Usei “*escrevivência*” pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”. (...) Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. (...) Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “*escrevivência*” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A *escrevivência*] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma *escrevivência*, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha *escrevivência* e a *escrevivência* de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de *escrevivência*.³⁸

Assim, a literatura atua como deslocamento de discursos e de estereótipos, antes propagados sobre esses sujeitos e esses territórios negligenciados, como uma espécie de estratégia antropofágica ao apoderar-se dessas imagens criada por intelectuais da elite, apossar-se dos meios de interação a fim de transformar as histórias lidas, escrevendo a partir da própria voz, com um discurso afetado pelo lugar em que é produzido, pela experiências e vivência daquele que conhece, sente e

³⁸ LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. *Jornal Nexo*, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18 out. 2022.

suporta a desigualdade e as injustiças sociais que atravessam a existência nas periferias.

2.1.1 “AQUI VOCÊ NÃO VAI FALAR ESSAS COISAS DE MALOQUEIRO!”³⁹ TRÈS BIEN⁴⁰...

Assim como a poética sensível e bruta de Conceição Evaristo requer muito trabalho para a atingir a estética desejada, a linguagem utilizada por Falero passou por diferentes etapas para finalmente alcançar a maestria que vemos na obra.

O literato estudou a gramática de forma autônoma e muito diferente do que experimentou na escola, em que odiava a forma de ensino de gramática, que faz com que seja vista como vilã para muitos jovens e adolescentes. O autodidata curioso, ao contrário, pegou tal gosto pelo estudo da língua que o aprofundamento na gramática da escrita do Português é muito perceptível na obra. Além disso, dialoga com fluidez entre a norma padrão e a norma da vila. Este inclusive é um ponto de grande importância na narrativa: a fluidez com que o autor transita entre a formalidade na voz do narrador e a informalidade nos diálogos. Mas nem sempre *Os Supridores* foi construído dessa forma. Ele aborda em suas entrevistas os movimentos linguísticos que precisou fazer para chegar à estrutura linguística que temos hoje, todavia, essa mudança não se deu apenas na estética do livro. Essa mudança de escolha vocabular, para o autor e para aqueles que vêm da periferia para esse universo acadêmico e editorial, é também um ato de resistência, como explicita o artigo *A Linguagem da Favela Parte 1: Resistência, Cultura e Identidade*, no site *RioonWatch*:

a língua é explorada como mais uma maneira de aumentar a distância entre a elite e os pobres, contribuindo para uma longa história de exclusão e estigmatização dessas comunidades.

Apesar dessa exclusão, há resistência. A linguagem das favelas resiste à marginalização e transcende as severas condições de vida que permeiam muitas comunidades, usando de criatividade e inovação para desafiar os estereótipos dominantes e resistir à exclusão.⁴¹

Falero explica que muito tentou ter em seu texto apenas a norma-padrão da escrita e trabalhava arduamente para isso. A ficção ocorria no território da Lomba do Pinheiro, inspirada nos parentes, amigos e conhecidos que não falavam da maneira

³⁹ HENRIQUE. Loc. cit. p.18

⁴⁰ FALERO. 2020, passim.

⁴¹ PATEL, Gitanjali. *A Linguagem da Favela Parte 1: Resistência, Cultura e Identidade*. In *Rio On Watch*. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=13450>. Acesso em 20 set. 2022.

que o escritor insistia em colocar em sua narrativa, portanto, a tradução – de certa maneira – do vocabulário da Vila para a norma culta era uma mudança brusca e trabalhosa de efetivar.

A reflexão acerca do assunto veio por meio de uma conversa com o linguista Marcos Oliveira⁴², que apresentou para Falero sua percepção sobre essa transformação linguística que o autor aplicava em seus diálogos e *passou a visão*, isto é, o alertou sobre como a língua pode ser utilizada como um mecanismo de violência e de dominação. As suas reflexões, já que nunca foi um consumidor de informações, mas, sim, um pensador crítico, o fizeram perceber o quanto estava violentando a si e aos seus ao tentar encaixá-los em uma realidade que não lhes pertencia, exercendo sobre sua oralidade uma prática de negação, que emudecia suas vozes e, mais uma vez, os invisibilizando. Retomo mais uma vez o artigo *A Linguagem da Favela Parte 1: Resistência, Cultura e Identidade*, que denota como a língua interfere como fator crucial na representação e identificação da favela, atuando diretamente como fator humanizador.

Através da inovação linguística, a desumanização e estratificação são transformados em orgulho e sensação de pertencimento. A linguagem afirma a identidade da favela e subverte as lutas representacionais pelas quais passaram seus moradores. Isso é bem exemplificado pelas interpretações contraditórias da palavra “malandro”. Fora da comunidade é um termo pejorativo que significa ‘canalha’ ou ‘trapaceiro’. Entretanto, dentro das favelas, “malandro” é sinônimo de inteligência.⁴³

A partir desse olhar para a língua, Falero introduziu em sua narrativa tanto a formalidade linguística – por meio da voz do narrador que domina com excelência a norma culta e erudita – quanto a dicção das ruas – as vozes da favela em seus diálogos eletrizantes –, transitando entre as duas formas com fluidez e perfeição, pois ocorre de forma totalmente orgânica. Esse transitar entre os dois registros possibilita não só a identificação de seus leitores de dentro da vila, aqueles que inspiram suas narrativas, como também legitima seus falares e seus dialetos fora dos limites da periferia, além de atuar potentemente contra o seu apagamento e normatização, fugindo da definição restrita estabelecida. Gabriel Nascimento, em sua obra *Racismo Linguístico* (2019), reflete a quanto a linguagem é utilizada como forma de repressão e racismo e traz logo no início de sua reflexão a utilização da linguagem enquanto instrumento de poder e de cerceamento por meio da língua ao dizer

⁴² MARTINS FONTES PAULISTA. Live "Os Supridores", com José Falero. You tube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cq05C7CNhW4>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁴³ PATEL. Op.cit. 38.

a linguagem tem sido um grande fetiche do mundo ocidental há séculos. Não apenas por meio das mais diversas formas de normatização e idealização das línguas nacionais, tendo como base o mundo brancocêntrico greco-latino, mas pelos próprios circuitos de reprodução da linguagem na modernidade, usando para consolidar o processo de formação da modernidade. Ou seja, a modernidade não apenas usou a ideia de linguagem do âmbito do projeto romântico, liberal, cristão e Idealista das línguas nacionais europeias (como é o caso do português, francês, espanhol e italiano), como também sou mão dela para criar uma definição para o mundo inteiro, dando a operar todos os conceitos a partir da Europa. (NASCIMENTO, 2019, p.11)

Dessa forma, a inovadora estruturação linguística da narrativa da obra não só se apresenta como uma forma de resistência no viés sociolinguístico, mas também em sua personalidade, pois o entendimento da violência que praticava consigo e com os seus por meio da sua tentativa - talvez - de valorização, possibilitou que Falero se abrisse para o mundo de possibilidades que é a língua, pois ela é viva, e mais do que isso, ela pertence aos seus falantes. Dessa forma, é possível perceber a língua enquanto instrumento de subjetivação, pois ela não só foi criada pelo sujeito como também cria o sujeito, refere o sujeito, identifica o sujeito e o coloca em um lugar na sociedade. Gabriel Nascimento ainda reitera:

Se, por um lado, o sujeito se submete à língua, por outro, a língua muda por meio do sujeito e das convenções criadas através da língua que não são autoconscientes. Por isso, as línguas têm sujeitos por trás delas. Final de outra forma, as línguas não são neutras e sempre são atravessados por processos de poder como os próprios sujeitos. (NASCIMENTO, 2019, p.20)

Sendo assim, a língua é também a subjetividade de seus sujeitos, é na língua, no falar que mostramos quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. E foi esse entendimento que trouxe *Os Supridores* até esta escrita, pois, mais do que analisar uma obra literária, este estudo visa reconhecer a formação desses sujeitos, a construção de seu *eu* por meio do espaço social em que estão inseridos e a língua nada mais é do que um traço dessa formação subjetiva.

Além do domínio linguístico que requer para que haja essa fluidez na tramitação entre a formalidade e a informalidade, podemos identificar algumas influências na escrita de *Os Supridores*. Recheado de humor e ironia, é possível perceber claros traços machadianos no fazer artístico de José Falero. A ironia é uma marca da narrativa Machadiana. Candido (1977, p.18) ressaltava

logo que ele chegou à maturidade, pela altura dos quarenta anos, talvez o que primeiro tenha chamado a atenção foram a sua ironia e o seu estilo, concebido como “boa linguagem”. Um dependia do outro, está claro, e a palavra que o melhor os reúne para a crítica do tempo talvez seja *finura*. Ironia *fina*, estilo *refinado*, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente. (CANDIDO, 1977, p.18)

Essa característica da escrita machadiana exige um leitor proficiente que seja capaz de ler nas entrelinhas, o que possibilita diferentes interpretações da narrativa, tornando-a, assim, ambígua e atemporal. Além disso, o autor estabelece frequente conexão com o leitor, seja direta ou indiretamente, pois é possível perceber na narração do romance faleriano um jogo entre aquilo que é dito e aquilo que se quer dizer. Sobre esse aspecto a pesquisadora Andrea Perrot, (2006, p.74) afirma:

É nesse “jogo” entre literal e intencional que reside a capacidade reflexiva latente da ironia, visto que ela solicita um movimento dialético autor/leitor. Veiculando simultaneamente algo diferente do escrito literal, o emprego da ironia apresenta-se, assim, como uma alternativa eficaz, eleita pelo autor, para estruturar seu texto de maneira a representar sua visão de mundo e seu princípio filosófico. (PERROT, 2006, p. 74).

Assim, Falero apossa-se da ironia para estruturação de suas acirradas críticas sociais que são expostas com leveza e acidez, colocando para o leitor o papel de refletir sobre os assuntos tratados inculcando-os da tarefa de não apenas consumir o que está sendo exposto, mas elaborar essas questões e suas pertinências para a sociedade em que vivemos. Logo, como explica o autor em entrevista para o jornal online Estado de Minas, esses efeitos linguísticos são formas de colocar na literatura o que chama de filosofia aplicada. Isto é, Falero explora a potencialidade da língua e o alcance da literatura para aplicar seus questionamentos e ideias que surgem a partir de seu contato com pensadores, sociólogos e críticos, ensejando que essas reflexões cheguem também naqueles que não têm acessos a essas teorias acadêmicas. Deste modo, a retórica irônica de Falero é apropriada para representar sua visão de mundo e seus princípios por meio de sua escrita.

Os garotos lhe inspiravam dó. O mesmo dó que tinha de si próprio. Ali estavam os três, descalços, vestidos de trapos, sentados no fundo dum beco, falando bobagem e se espreguiçando, se espreguiçando e falando bobagem, abandonados pela “mãe gentil”. Tanto quanto sabia, nenhum deles nunca tinha ido à escola. Mas, de qualquer forma, os estudos a que teriam direito, caso estivessem interessados, não seriam grande coisa; afinal, a educação e o conhecimento eram bens de consumo como outro qualquer, custavam dinheiro, e dinheiro eles obviamente não possuíam. Teriam de se contentar em frequentar um dos dois colégios públicos das redondezas, ou o Afonso Guerreiro Lima ou o Tereza Noronha de Carvalho, e Pedro, que tinha estudado tanto num como no outro, não conseguia pensar neles como um fator tão decisivo assim, apesar de todo o esforço dos professores. O que podia fazer toda a diferença, não apenas na vida daqueles moleques, mas na vida de todo o mundo, era dinheiro: dinheiro, e nada mais. O lugar de uma pessoa na sociedade, pensava Pedro, correspondia diretamente à quantidade de dinheiro que essa pessoa possuía, e não era preciso ser um vidente para prever o futuro daqueles três meninos que nem para comprar chinelos tinham: avizinhava-se silenciosamente o dia infeliz em que teriam de escolher entre ser

bandido ou ser escravo, se quisessem continuar vivendo. (FALERO, 2020, p.20)

Outro traço muito presente na narrativa em que é possível perceber a influência machadiana é o humor – um acompanhamento da ironia. Mesmo que a narrativa apresente momentos dramáticos e muito conflitivos, há tons claros de humor e recorrentes provocações. Falero explica que o uso do humor em sua obra e na sua vida é uma forma de lidar com a tragicidade das situações, uma forma de tornar aquilo mais leve para poder continuar seguindo – a vida e a leitura/escrita. E esse humor, esse ver graça para continuar seguindo é perceptível na figura do personagem Véio Bill, amigo de Marques, que aparece em momentos de grande tensão sempre com leveza e dinamicidade em suas falas, abrindo espaço para outros olhares para as situações. Falero aborda a presença do humor em sua escrita e também a forte influência do fundador da Academia Brasileira de Letras na entrevista⁴⁴ realizada na estreia de *Os Supridores* afirmando a capacidade de rir e fazer dela como um traço de sua personalidade, assim como da personalidade das pessoas que conhece, para lidar com a tragicidade da vida. O autor observa que pode ser também uma estratégia para enfrentar o circuito fechado de sofrimento e de desgraça que afeta a vida sem dar perspectiva de mudança.

O cachorro-quente tinha acabado. Passando o guardanapo de papel nos beijos e limpando o interior da boca com a língua, o velho balançou a cabeça e disse: — Sei como é. Tu salgou demais a tua sopa. — Quê? — Tu salgou demais a tua sopa. — Eu salguei demais a minha sopa? — Parece que sim. Quando eu era guri e aprontava alguma traquinagem um pouquinho mais grave, como na vez que eu dei uma facada no meu irmão mais velho e ele foi parar no hospital, a minha mãezinha dizia o seguinte: “Cuidado pra não salgar demais a tua sopa, Avelino, porque depois quem vai ter que comer ela é tu”. Bom, eu demorei muito tempo pra entender o que ela queria dizer com aquilo. Mas hoje eu sei que ela tava falando sobre essas coisa que às vez foge do nosso controle e que não pode ser desfeita nunca mais. E como tu disse: tu vai ter que conviver com isso. Tu salgou demais a tua sopa, e agora tem que comer. Mas, se te serve de consolo, a minha vida também já foi uma sopa salgada demais, viu. Eu sei pelo que tu tá passando. E eu posso te garantir que vai ficar tudo bem. Vai passar. — Ah, não, não vai, não! — Pedro sacudiu a cabeça vigorosamente, dando uma fungada. — Eu não quero ofender o senhor, mas eu não sou o tipo de pessoa capaz de esquecer uma coisa dessa. Daqui pra frente, todo santo dia eu vou lembrar dessa tragédia que eu causei, e não vou me perdoar por isso. — Mas quem falou em esquecer? Quem falou em se perdoar? Olha, a minha mãezinha não me falou tudo. Muita coisa que eu sei hoje, eu tive que aprender sozinho. E uma das coisa que eu aprendi sozinho é que a sopa nunca fica pronta de verdade. A sopa só fica pronta quando tu more. — Parecendo satisfeito consigo mesmo, o velho botou as mãos nas cadeiras, lançou os cabelos para trás com um gesto de

⁴⁴ TODAVIA. Todavia ao vivo — Lançamento de OS SUPRIDORES, de José Falero. You tube, dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9197fEp0HY>. Acesso em: 21 set. 2022.

cabeça e ficou sorrindo para as estrelas. — É... Isso a minha mãezinha esqueceu de me ensinar Talvez nem ela soubesse. A verdade é que tu passa a vida toda em volta da sopa. A pora da vida é a própria sopa! E assim tu vai preparando e experimentando, preparando e experimentando, preparando e experimentando. — Tornou a olhar para Pedro. — Então, meu gurizinho, se a tua sopa tá salgada demais agora, eu te aconselho a parar de botar sal, antes de mais nada. Para de botar sal e bota água. Depois, pica umas batata e joga ali. Bota umas cenoura também. Chuchu, abóbora, macarrão... Sei lá. Vai botando as coisa que tu gosta, entendeu? Não adianta: se tu botou sal demais, tá botado, não tem como tirar. Tu só não pode esquecer uma coisa: a sopa só fica pronta quando tu morre; até lá, o melhor que tu faz é dar um jeito de fazer a sopa ficar gostosa, pra não ter que passar o resto da vida comendo ela assim como tá. Olha, o que eu tô querendo dizer é bem simples: se tu não te orgulha das coisa que tu fez, ou das coisa que acontecero por tua causa, tá aí o melhor motivo de todos pra tu comer e aproveitar o tempo que te sobra pra realizar as coisa que pode te devolver a esperança e o orgulho. Faz sentido pra ti? (FALERO, 2020, p.297-298)

É possível perceber no diálogo de Pedro com o Véio Bill a leveza que o escritor procura inserir para quebrar a tragicidade que acomete Pedro. Devastado pela morte de seu companheiro Luan e por todas as tragédias que se sucederam a partir do seu plano de enriquecimento, Pedro se vê sem saída, desesperado e destroçado. Envergonhado pelo caminho que percorreu e para o qual arrastou seus companheiros, perdia a fé em si. Para tanto, o autor insere a figura de Avelino, senhor traficante da Vila Lupicínio, com seu cachorro quente na mão, para resgatar e lembrar Pedro de todo seu caminho até ali e como tornar a vida, essa sopa salgada, digerível.

O teórico Pécora percebe na metáfora a presença da influência canônica de Machado de Assis na escrita de Falero, algo que também fica evidente nos diálogos com o leitor e nas intervenções para elucidação. O crítico então afirma que “o toque machadiano final está numa curiosa “teoria da sopa”, na qual o próprio romance vem para o primeiro plano. A literatura se revela então como peça constitutiva da história, e não apenas como representação realista dela. ”⁴⁵

Mas a conversa aconteceu. A conversa aconteceu, e Pedro agarrou-se à metáfora da sopa como se fosse uma boia salva-vidas. A conversa aconteceu, e Pedro nunca mais deixou de cultivar a metáfora da sopa em seus pensamentos. A conversa aconteceu, e foi graças à metáfora da sopa que Pedro conseguiu suportar a dor, o medo, as porradas, as ameaças de morte. A conversa aconteceu, e foi concentrando-se na metáfora da sopa que Pedro não denunciou os amigos. A conversa aconteceu, e foi na metáfora da sopa que Pedro encontrou forças para sustentar o silêncio, mesmo achando que, em razão dele, terminaria morto na mão dos policiais que o prenderam e o torturaram por horas a fio, querendo saber quem mais havia participado do confronto na Vila Planetário. A conversa aconteceu, e, ainda hoje, é a metáfora da sopa que ajuda Pedro a engolir o pão que o diabo amassou, quase uma década após ter sido jogado atrás das grades. (FALERO. 2020. p.235)

⁴⁵ PÉCORA, Alcir. 'Os Supridores' diverte pela originalidade de seu 'Marx para manos'. Folha de São Paulo, novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/os-supridores-diverte-pela-originalidade-de-seu-marx-para-manos.shtml>. Acesso em: 20 set. 2022.

3 LANÇANDO LUZES SOBRE UMA PORTO ALEGRE ESQUECIDA

A obra analisada neste trabalho é permeada de sagacidade e de singularidade. Falero se apossa da escrita e da literatura para causar incômodo, provocar reflexões e fazer críticas. Érico Veríssimo (1974, p.43), muito antes ponderara que “o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, trazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão”. E em tempos de escuridão como os atuais, o autor coloca seu leitor em confronto com sua moral, com seus valores, com suas percepções de mundo e com a cidade: Porto Alegre. Uma Porto Alegre desconhecida para muitos que, em seus bairros nobres e elitizados, esquecem que ao redor existem bairros sem infraestrutura, sem urbanização, sem asfalto, sem saneamento básico e sem dignidade humana. Como as palavras do grupo Racionais MCs, referência fundamental na formação do escritor, “periferia é periferia”⁴⁶ e, apesar de bem datadas e bem demarcadas geograficamente, “as aventuras” cotidianas de Pedro e Marques podem ser vistas e vividas por muitos favelados e faveladas.

A narrativa se inicia em fevereiro de 2009, e de vila em vila, periferia em periferia, Pedro e Marques vão traçando seus caminhos na cidade de Porto Alegre até seus empregos de supridores na rede de mercados Fênix. Como supridores dessa rede, serviam para todas as necessidades, desde suprir as prateleiras do supermercado até limpar o chão. Embora a carga de trabalho fosse abundante, os salários ínfimos colocavam os dois jovens em situação de precariedade que evidencia ao leitor a vivência na realidade de moradores de periferia.

Ambos eram supridores. Isto é, entre as diversas funções que desempenhavam — como descarregar caminhões, organizar o depósito e limpar o chão da loja —, a principal era suprir as prateleiras, de modo que convinha dizer que eram supridores, ou repositores, como alguns preferiam falar. Em suas carteiras profissionais, porém, achava-se uma definição de cargo que não poderia ser mais indistinta: “auxiliar de operações”. Se, no lugar disso, estivesse escrito “pau pra toda obra” ou simplesmente “curinga”, daria no mesmo: o supermercado podia sujeitá-los a incumbências de toda sorte, sem lhes dar margem para moverem uma ação trabalhista sob alegação de desvio de função. (FALERO. 2020 p.40)

A obra, permeada pela violência urbana e pelas desigualdades sociais, destrincha com maestria as relações econômicas assimétricas e a exclusão social que tira a dignidade dos sujeitos pertencentes aos territórios periféricos — “A gente

⁴⁶ RACIONAIS MC'S. Loc. cit. p.14.

trabalha e trabalha só pra ganhar a quantidade de dinheiro exata pra não morrer de fome e continuar trabalhando e trabalhando”⁴⁷, assim, o personagem revolta-se contra a exploração cotidiana que o obriga a seguir apenas sobrevivendo, expondo, dessa forma, a relação intrínseca entre violência urbana e injustiça social.

Movidos pela necessidade das coisas mais básicas, mas não apenas por isso, sem romantização da pobreza, Pedro e Marques resolvem abandonar a amarga vida de misérias. Com essa reviravolta, escrevem em suas narrativas pessoais novos capítulos de tranquilidade e de possibilidades e revelam traços dessa Porto Alegre tão desigual e excludente que insiste em negligenciar a sua população.

A trama que se desenrola de forma eletrizante capta o leitor com sua fluidez e clareza e provoca sentimentos e sensações que o envolvem no calabouço de perdição do supridor Pedro. Com um domínio linguístico digno do grande escritor que é, o autor amarra capítulo por capítulo, intercalando sua estrutura linguística entre um narrador em 3ª pessoa, com vocabulário culto e erudito, e a voz de seus personagens, por meio de diálogos recheados de gírias e palavrões e da oralidade das ruas, das invasões, enfim, do microcosmo dos oprimidos e excluídos. O diálogo de Pedro com os garotos na vila apresenta traços coloquiais muito presentes nos estratos sociais mais baixos. Além disso, denota a crítica social fortíssima que atravessa toda a narrativa,

Há quanto tempo cês tão aí? Desde que eu me entendo por gente que eu vejo cês aí, grandão, parado, vendo tudinho acontecer. Quantos assassinato que acontecero por causa do tráfico cês testemunharo daí, hem? E, depois de cada um deles, o que que foi que aconteceu? Nada. Nada. Não é mesmo? Nada. O cara morre e vinte e quatro hora depois a morte completa um dia; só isso, não é verdade? Nessas viela tudo aí, cheiinha de miséria, ódio e sofrimento, a vida não tem tanto valor: quem mata não se importa muito de matar; quem morre não se importa muito de morrer. E a minha própria vida, que valor que tem a minha vida? Nenhum. Por enquanto, nenhum. Por enquanto. Por enquanto, olha só!, morrer não chega a ser mau negócio pra mim, porque, afinal de contas, eu tô só suportando a vida esses ano tudinho, e não desfrutando. Morrer só vai ser mau negócio pra mim depois que eu tiver uma vida bala. Mas, pra eu poder ter uma vida bala algum dia, não tem jeito: eu vou ter que passar por cima da lei e arriscar essa vida fodida que eu tenho hoje. (FALERO, 2020. p.27)

Álvaro Moreira Lima, na plataforma digital *LavraPalavra*,⁴⁸ entende esses aspectos linguísticos como responsáveis pela verossimilhança da obra que dialoga diretamente com a realidade, provocando, dessa forma, identificação em seus leitores

⁴⁷ FALERO. Os supridores. Todavia, 2020.

⁴⁸ LIMA. Álvaro. Os ‘crias’ do nosso Brasil: a relação entre ficção literária e realidade social em “Os Supridores” de José Falero. *Lavra Palavra*, julho de 2020. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2022/07/04/os-crias-do-nosso-brasil-a-relacao-entre-ficcao-literaria-e-realidade-social-em-os-supridores-de-jose-falero/>. Acesso em: 20 set. 2022.

da periferia e popularizando conhecimentos e reflexões que ocorrem dentro do meio acadêmico e pouco chegam aos verdadeiros interessados e vitimizados pela exploração do trabalho e pela injustiça social.

Por meio dos livros, da consciência de classe, dos negócios ilícitos e de muita insubmissão, se apresenta uma narrativa de confronto: confrontos pessoais, confrontos sociais, confrontos de ideias e de moralidades. Mas, principalmente, uma narrativa de identificação, de representação e de reconhecimento das próprias mazelas vividas, pois, a exemplo do que já anunciou Carolina Maria de Jesus (2014, p.27), “é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”.

Assim, logo no início é apresentado o personagem Pedro, que irá mostrar facetas desse território e da sua realidade, é um jovem muito inteligente, questionador e um leitor de fôlego. O livro é o seu companheiro fiel no trajeto de ônibus para deslocar-se da Pinheiro, bairro da Zona Leste, para o centro da cidade de Porto Alegre para assumir seu turno como supridor da rede Fênix.

Acompanhando a narração, que perpassa desde as descrições espaciais até os pensamentos mais íntimos de Pedro, o leitor é tomado pela amargura e pelo pessimismo que o rodeiam e pela sua resistência em acreditar que aquela vida de miséria e de insalubridade é aceitável.

Mas Pedro já estava familiarizado com imperfeições, como todo pobre que se preza, ainda que não se considerasse merecedor delas, como todo pobre que se despreza. Às vezes, avaliando tudo quanto lhe girava em torno, apanhava-se espantado com a quantidade de coisas que, de uma forma ou de outra, causavam-lhe descontentamento: os ônibus lotados, as roupas surradas, os cigarros vagabundos, a insuficiência de cobertas no inverno, a falta de um ventilador no verão, o cheiro horrível de esgoto no quintal, a casa repleta de ratos, baratas, aranhas, cupins, pulgas, carrapatos e lagartixas. “Nada é perfeito”, diz o ditado; acontece que na vida de Pedro nada era sequer minimamente razoável. (FALERO, 2020, p.20)

São apresentados sua casa apertada, seu quintal com cheiro de esgoto e os pivetes da rua. O simples abrir de sua porta, que desmonta em suas mãos, o faz refletir sobre a condição de vida em que ele e sua família vivem, rodeados pela pobreza, criminalidade e trabalho duro, árduo e contínuo, sem apresentar sequer uma mudança na condição de vida das gerações e gerações que antecederam à de Pedro e, muito provavelmente, na das gerações que virão.

Seus bisavós tinham sido pobres a vida inteira, seus avós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso? Se era verdade que a riqueza, ou pelo menos uma vida digna, podia ser alcançada com muito trabalho e dedicação, então o que estava acontecendo? Ele tinha dado o azar de nascer numa família de grande tradição na vadiagem? Era essa a explicação para a pobreza em que vinha derramando-se seu sangue através dos tempos? Gerações e gerações de preguiçosos

que mereceram as condições humilhantes em que nasceram e viveram? Não, claro que não. Todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando, e se sempre foram pobres, era porque devia haver alguma coisa errada... O erro deles talvez tivesse sido respeitar demais a lei... Tudo bem: o ciclo de pobreza terminaria nele” (FALERO. 2020, p.23)

A virada de chave de Pedro ocorre após uma conversa com os “piá” da vila que discutem sobre a demanda de maconha e ausência da mercadoria na comunidade. Os garotos “abandonados pela mãe gentil”, sem estudo e sem direitos, só tinham mesmo uma preocupação: a falta de maconha na vila. E Pedro, analisando a situação, percebe com clareza que só há uma coisa capaz de oferecer uma possibilidade de fazer a diferença. Assim, toma a decisão que mudará sua vida: vender maconha.

Os garotos lhe inspiravam dó. O mesmo dó que tinha de si próprio. Ali estavam os três, descalços, vestidos de trapos, sentados no fundo dum beco, falando bobagem e se espreguiçando, se espreguiçando e falando bobagem, abandonados pela “mãe gentil”. Tanto quanto sabia, nenhum deles nunca tinha ido à escola. Mas, de qualquer forma, os estudos a que teriam direito, caso estivessem interessados, não seriam grande coisa; afinal, a educação e o conhecimento eram bens de consumo como outro qualquer, custavam dinheiro, e dinheiro eles obviamente não possuíam. (FALERO. 2020, p.24)

Seguindo a narrativa, somos apresentados ao companheiro de batalha e de vendas de Pedro, Marques. Marques é um jovem trabalhador alienado e cheio de dificuldades para enfrentar com mais um filho a caminho, mais uma boca para sustentar, sendo que mal consegue manter aquelas que tem. Marques vira uma espécie de discípulo de Pedro, que, por sua vez, o faz enxergar nuances do sistema capitalista e da exploração que vivem e que antes Marques não havia enxergado, acreditando, assim, que o seu fracasso era fruto único e exclusivo de sua responsabilidade.

Afinal, se as pessoa que tão jogando dinheiro pra cima merece tudo que têm, então tu, que não tem porra nenhuma, merece não ter porra nenhuma. E essa lógica simplista faz tu te sentir um fracassado. Isso coloca nos teus ombro um peso foda de aguentar. (...) Eu te mostro que tu não é o vilão da tua própria história. Eu te mostro que, enquanto tu faz força pra subir, tem uma pá de safado fazendo força pra tu ficar onde tu tá, pra tu morrer afogado na merda, porque tu tem que ficar na merda pra eles nunca cair na merda. (FALERO, 2020, p. 58)

Pedro, por meio de sua didática e de seu entusiasmo por ter alguém para ouvi-lo, introduz Marques aos conceitos de Karl Marx⁴⁹ – teorias críticas sobre a sociedade,

⁴⁹ Karl Marx (Tréveris, 5 de maio de 1818 – Londres, 14 de março de 1883) foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão. Nascido em Tréveris, Prússia, Marx estudou direito e filosofia nas universidades de Bona e Berlim. Casou-se com a crítica de teatro e ativista política alemã Jenny von Westphalen em 1843. Devido às suas publicações políticas, Marx tornou-se apátrida e viveu no exílio com a sua mulher e filhos em Londres durante décadas, onde continuou a desenvolver o seu pensamento em colaboração com o pensador alemão Friedrich Engels e a publicar os seus escritos, pesquisando na Sala de Leitura do Museu Britânico. Os

a economia e a política, conhecidas como marxismo que sustentam que as sociedades humanas se desenvolvem através da luta de classes⁵⁰ –, a termos acadêmicos, como mais-valia e meritocracia, democratizando esses conhecimentos de forma simples, coloquial e contextualizada para a realidade do rapaz e, principalmente, dos leitores periféricos. A respeito de sua interpretação de Karl Marx, Falero explica em entrevista que não se trata de uma tradução de *O Capital* para a periferia, mas, sim, da sua compreensão sobre o assunto. Se trata de como ele, após ter contato com essas teorias, conseguiu compreender e apreender o sentido, pois aquilo que circula dentro da academia ele nunca entendeu, o que dialoga com o que Emicida enuncia ao cantar “Esses boy conhece Marx, nós conhece a fome⁵¹”, explicitando o quanto conhecimentos como esses são elitizados e estão fora do alcance daqueles que são os principais objetos do estudo, excluindo a população periférica, inclusive, dos saberes acerca da sociedade da qual fazem parte.

O personagem dialoga com seu colega evidenciando questões que há muito são naturalizadas. Demonstra que enquanto eles sofrem para ter o mínimo para a sobrevivência – e às vezes nem isso consegue ser suprido – e são impedidos sistematicamente de usufruir de uma vida com qualidade e com dignidade, boa parte do fruto do trabalho deles vai para a mão de uma pessoa que jamais teve o rosto suado e a mão calejada pelo trabalho.

O direito de abrir a boca e dizer que alguma coisa te pertence, ou seja, o tal do direito à propriedade privada, esse direito devia andar de mão dada com o merecimento, e merecimento é sinônimo de trabalho. Merecimento é rosto suado e mão calejada. Não existe outro tipo de merecimento. O fiel da balança mais justa é o trabalho. E a balança mais justa mostra pra quem quiser ver que o dono desta rede de supermercado tá ganhando bem mais dinheiro do que merece, enquanto os funcionários, incluindo eu e tu, tamo ganhando bem menos dinheiro do que a gente merece. (FALERO. 2020 p.48)

O jovem desnaturaliza a desigualdade social destacando o quanto essa realidade foi intencionalmente projetada e quem são os agentes interessados na manutenção dessa forma de estrutura. Ele reflete sobre sua condição de vida e a insistente pobreza a que sua família era fadada, trazendo à tona, com muita ironia, o

seus títulos mais conhecidos são o panfleto Manifesto Comunista de 1848 e o triplo volume *O Capital* (1867–1883). O pensamento político e filosófico de Marx teve uma enorme influência na história intelectual, econômica e política subsequente. O seu nome tem sido usado como adjetivo, substantivo e escola de teoria social.

⁵⁰ KARL MARK. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx. Acesso em: 28 set. 2022.

⁵¹ EMICIDA. Levanta e Anda. O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui, 2013.

conceito de meritocracia, contestando esse pensamento e denunciando a realidade que assola milhares de brasileiros.

Na real, é assim que a banda toca, meu bruxo. É assim que o mundo foi ajeitado. Ajeitado, tendeu? Ajeitado. O mundo tá como tá, mas não precisava tá como tá. Ele foi ajeitado assim como tá. E eu te garanto que as pessoa que ajeitaram o mundo assim como tá tinha milhões — esfregou o polegar e o indicador, em sinal de dinheiro —, milhões de motivo pra querer que o mundo ficasse ajeitado exatamente assim como tá. Pensa comigo: se todas as pessoa que trabalharam na rede Fênix não tivesse trabalhado na rede Fênix, o que que iam fazer da vida? Ou iam morrer de fome, ou iam ter que trabalhar noutra rede de supermercado, ou noutra tipo de trampo. Não importa: as condição de trabalho ia ser parecida, o salário ia ser parecido. E tá aí a imposição que quase ninguém vê: ou tu te sujeita a uma das merda que tá aí, disponível pra ti, ou tu morre de fome, tá ligado? Beleza, não foi o dono da rede que obrigou as pessoa a trabalhar. Que diferença faz? As pessoa, mesmo assim, trabalharam na rede dele por obrigação, e ele tirou proveito disso. Ele é milionário hoje por causa disso. Bilionário, se ratiar. E tu sabe o que é mais assustador nisso tudo, Marques? De algum jeito, eu não sei como, fizeram as pessoa acreditar que tá tudo certo. Fizeram as pessoa acreditar que o mundo é assim mesmo. Fizeram as pessoa acreditar que tudo isso é natural, como a chuva ou o vento. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo não existe desde sempre. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo precisou ser planejado nos mínimo detalhe. E repito: pode ter certeza que não foi um pé-rapado que nem eu ou que nem tu que planejou isso tudo. (FALERO. 2020, p.50)

Pedro lança mão de conceitos desenvolvidos por Marx em sua obra *O Capital* para falar sobre a exploração do trabalho que está a serviço do enriquecimento de uns às custas da exploração e do massacre da dignidade de outros, como ele e Marques, destacando como a continuidade da pobreza é um elemento fundante da sociedade e da sua estrutura desigual e exploratória. Sendo assim, a forma com que a sociedade é estruturada e mantida apresenta para o jovem claramente que só há dois caminhos a seguir – ser bandido ou ser escravo.

Assim, induzidos pelo sonho de uma vida digna, com dinheiro, lazer, bens e comida na mesa, os jovens seguem na profissão de supridores, porém, agora não só de mercadorias no supermercado, mas também de maconha em suas vilas. Com essa venda alternativa, Pedro coloca em prática as teorias de Marx, pois, como um corpo pensante, não somente teoriza sobre os conceitos, como exerce suas reflexões. Dessa forma, não só utiliza o espaço de exploração – a rede Fênix de supermercados – como espaço para seus negócios, como também rompe com o sistema exploratório capitalista, efetuando, em sua rede de suprimento de maconha, uma divisão de lucros igualitária entre os supridores. Assim, Pedro, Marques, Angélica, Roberto e Luan dividem os lucros do negócio igualmente. Portanto, a cooperativa rompe com o capitalismo ao efetuar a divisão de lucros com justiça, crescendo com o outro e não em cima do outro.

— As duas pessoa que a gente chamar pra vender a maconha pra gente têm que ganhar a mesma coisa que nós, mano. A gente vai dividir todo o lucro sempre em quatro parte igual.

— Puta que pariu! Não acredito que tu vai cagar tudo com essas tuas ideia fodida!

Pedro suspirou. — Caralho, Marques, não é só ideologia, sangue bom. Quando tu disse que queria vender maconha comigo, o que tu ia achar se eu quisesse ganhar mais dinheiro que tu? Porra, mano, eu tô tentando melhorar a minha vida, porque eu preciso melhorar a minha vida, mas tu também precisa melhorar a tua, então, tipo, cumé que eu ia te oferecer menos grana? Com que cara eu ia te propor uma coisa dessa? (FALERO, 2020, p.129)

A cooperativa, então, desfruta de um crescimento econômico que vai perpassando a vivência dos seus na melhoria de seus lares, nas crianças que passam a frequentar uma boa escola, na esposa que pode estudar e na mãe que poderia se aposentar e no simples desfrutar de momentos de lazer, até então desconhecidos. Sendo assim, percebe-se em diferentes momentos da narrativa o quanto a realidade desses jovens e o espaço que desfrutam, como coletividade moldam suas personalidades, pois, embora a ilicitude de seus negócios, procuram ser honestos e justos com os seus, além de, mesmo com o enriquecimento, não abandonam esse espaço-pertencer, mas o torna melhor e frutífero, trazendo a sua bonança para a comunidade.

3.1 TERRITORIALIDADE E TERRITORIALIDADE: “DE ONDE VENHO NADA É SOZINHO, TUDO É SEMPRE COLETIVO”⁵²

Um território vasto, localizado no extremo leste de Porto Alegre; um território que, arrastando-se num moroso processo de urbanização, ainda apresentava muitos vestígios de seus remotos tempos rurais; um território onde ainda era possível ver, a olho nu, a Mata Atlântica virando fumaça de pouquinho em pouquinho, onde ainda era possível acompanhar, em tempo real, a ação corrosiva da metástase civilizatória trazida nas caravelas havia mais de meio milênio; um território repleto de colinas, pelas quais subia e descia e ziguezagueava, subia e descia e ziguezagueava, como uma montanha-russa gigante, a estrada João de Oliveira Remião. (FALERO, 2020, p.18)

⁵² MARKO. Loc. cit. p, 10.

FIGURA 2 - A ESTRADA JOÃO DE OLIVEIRA REMIÃO.



Fonte: Conselho Popular da Lomba do Pinheiro.⁵³

O escritor faz descrições minuciosas sobre os espaços territoriais de Porto Alegre - a cidade que o maternou, criou e ainda cria -, descrições estas que somente quem nasceu e criou-se na intimidade da cidade é capaz de fazer, pois não são descrições geográficas apenas, mas são descrições com intimidade, descrições com memória, descrições de pertencimento. A crítica Andrea Kahmann (2021, p.103) evoca a diferenciação do processo de pertencer presente também no modo de apresentação dos indivíduos que reforça a discussão a respeito do pertencimento do sujeito das esferas desprivilegiadas da sociedade com seu espaço existencial: “assim, enquanto residentes de áreas modernas dizem “morar em”, nas áreas mais populares das cidades responde-se “sou de”, pois há o sentimento de que “pertencem” àquele lugar (e talvez somente a ele).” Pontuação esta interessante para o olhar deste estudo, pois o sentimento de pertença aqui trabalhado não se trata apenas da ocupação desse espaço à margem devido a imposições estatais, mas também devido ao sentimento de coletividade, solidariedade e conexão com o lugar e com os afetos ali estabelecidos.

Para iniciarmos a discussão a respeito do território, faz-se necessário conceituar os vieses de território utilizados. Deste modo, utilizarei como referencial o geógrafo Milton Santos, grande estudioso do território enquanto espaço de uso, indo para além do mero valor quantitativo da terra, mas em seu uso simbólico na construção do indivíduo. E, também, José Falero, pois, para além da escrita literária,

⁵³ Conselho Popular da Lomba do Pinheiro. Disponível em: <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2013/07/contra-fluxo-na-entrada-da-lomba-do.html>. Acesso em: 18 out. 2022.

ele é também um pensador. Sua escrita é utilizada para dar voz a seus incômodos, suas reflexões e a forma com que enxerga e lida com o mundo, sendo assim, José está se pensando e pensando o mundo a partir de suas produções, e utilizo suas reflexões sobre território como referência teórica para a análise.

Portanto, quando me disponho a falar sobre a territorialidade na construção subjetiva dos personagens na obra *Os Supridores*, refiro-me à definição de território enquanto espaço de pertencer. Milton Santos em *O Brasil: território e sociedade no século XXI* (2006), afirma que se entende território como

a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence*... esse sentimento de exclusividade ultrapassa a raça humana e prescinde a existência do Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem. (SANTOS, 2006, p.19. Grifos do autor.)

Por esse viés, quando o escritor descreve os territórios em sua obra, não faz uma referência restrita ao nome político do espaço, mas, sim, aos guriis do campinho de que ele se lembra ao passar por ali, ou da cabeça que bate no vidro quando vira para entrar a estrada João Remião e que só o morador conhece e atina que chegou a hora de despertar, da tia da frente de casa com o seu “Bom dia, guri”. Mas, também, são memórias daquele guri que jogava bola no campinho e hoje não está mais, ou do guri que hoje está na entrada da boca e antes dividia a sala de aula. As descrições do autor não são apenas ilustrativas ou de ambientação, pois o espaço da periferia não é apenas um espaço geográfico, é também um espaço existencial. É onde o sujeito do lugar pode ser quem é, onde constrói a sua subjetividade, onde se sente em segurança, onde seus sentimentos estão em casa. Mas não só isso, quando sai dela o sentimento é de exclusão, de não pertencimento, de estranheza. Percebe-se estrangeiro na própria cidade, pois o direito à cidade nem sempre é direito de todos.

O direito à cidade é discutido na entrevista concedida pelo advogado Marcelo Leão ao site *Brasil de Fato*.

O direito à cidade é, em resumo, um direito que cabe a todos e a todas de participar de processos de produção e fruição do espaço urbano. Ninguém pode ser excluído desse processo, especialmente, as minorias e os que vivem nas periferias das cidades.

No plano do instituído, nós podemos traduzir isso a partir do **Estatuto da Cidade**, no qual, na nossa Lei Federal 10.257, de 10 de julho de 2001, coloca o Direito à cidade como o direito à terra urbana, moradia, ao saneamento

ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte, aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer para as presentes e futuras gerações.⁵⁴

Ou seja, o direito à cidade nos termos acima – moradia, saneamento básico e infraestrutura básica – é garantido por lei; todavia, é possível identificar na obra diferentes momentos em que Pedro menciona como essa existência pode ser restringida para pessoas marcadas pela pobreza.

Além disso, é preciso um olhar atento para a compreensão do quanto esse espaço territorial é construtivo da subjetividade desses sujeitos, uma vez que a forma com que o sujeito experiencia a sociedade, o seu lugar de horizonte, influencia na sua construção valorativa e subjetiva. Dessa forma, o olhar para o território parte de um olhar imaterial, um olhar para a corporeidade da existência nas periferias, dialogando com a conceito atribuído por Haesbaert (2020),

a conceituação de território em nosso contexto vai muito além da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal e se expande, transitando por diversas escalas, mas com um eixo na questão da defesa da própria vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial, vinculada à herança de um modelo capitalista extrativista moderno-colonial de devastação e genocídio que, até hoje, coloca em xeque a existência de grupos subalternos, habitantes de periferias urbanas (especialmente descendentes de negros e indígenas) e, de modo culturalmente mais amplo, os povos originários em seus espaços de vida. Desdobram-se, assim, desde os territórios do/no corpo, íntimo, até o que podemos denominar territórios-mundo, moldados por um grupo étnico, a Terra vista como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades– às quais estamos inexoravelmente ligados. (HAESBAERT, 2020, pag.73)

Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, já abordava reflexões acerca da cidade e dos processos de exclusão que ocorrem no espaço urbano em relação às periferias. Como foi visto, a autora registra em seus diários diferentes momentos do seu cotidiano e do cotidiano da cidade de São Paulo na década de 1950-1960. Ela escreve sobre as dificuldades e os dilemas da vida na favela do Canindé e sobre o sentimento de rejeição/exclusão em relação ao centro urbano. O título de sua obra é fruto de sua reflexão sobre o espaço da periferia em relação ao centro da cidade, espaço reservado a dejetos, restos, lixo e pobres. Consciente da situação de marginalidade a que estavam sujeitos, Carolina expunha o sentimento de estar à parte da cidade, da falta de infraestrutura na favela, tanto em

⁵⁴ BARBOSA, Catarina. Brasil de Fato. Direito à cidade é negado a muitos brasileiros. Como ter acesso a ele? Belém (PA), 10 de Outubro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/direito-a-cidade-e-negado-a-muitos-brasileiros-como-ter-acesso-a-ele>. Acesso em: 20 set. 2022.

relação à moradia, ao saneamento básico, ao transporte ou ao lazer, como em relação a hospitais e outros serviços públicos. Para Carolina (2014 p.29) era claro: “o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. ” Com tal percepção, deixa ainda mais evidente seu sentimento de exclusão e de desigualdade, como se a cidade não pertencesse a ela e aos seus, somente àqueles que estão em seus palácios. Falero, em sua crônica sobre o direito à cidade, retoma o sentimento de não pertencimento sentido por Carolina há cerca de meio século em São Paulo, infelizmente ainda presente na Porto Alegre do século XXI,

há três décadas que eu ando pelas ruas de Porto Alegre. Frequentei as quebradas mais profundas desta cidade e, ocasionalmente, alguns dos setores mais luxuosos, também. Só que eu nunca tive direito a Porto Alegre. E, mais do que isso, nunca tive sequer consciência de não ter direito à cidade. Os subempregos me fizeram ir para lá e para cá, sacolejando dentro de ônibus lotados. Eu via os prédios do Centro passando pela janela, e durante anos a fio eles nunca me disseram nada. Era como se nem mesmo fossem de verdade. Era como se fossem só parte de um gigantesco cenário de papelão, morto, sem vida, sem histórias.⁵⁵

Desse modo, o leitor é guiado pelas vielas das periferias de Porto Alegre junto com Pedro que nos coloca a par de cada quebrada e suas especificidades, seus moradores, as brincadeiras das crianças e as práticas culturais desse espaço – a Lomba do Pinheiro. É a partir dela que o literato e também seu personagem Pedro concebem seu lugar no mundo. É no território da Lomba, tão distante geograficamente da centralidade de Porto Alegre, que surgem as questões subjetivas, as reflexões, os enfrentamentos e os questionamentos do escritor e de Pedro. Dessa forma, mais uma vez se torna perceptível que as linhas rígidas que demarcam e conceitualizam território enquanto um espaço meramente geográfico não podem abarcar a complexidade do existir e reexistir nesse lugar-pertencer.

3.1.1 TERRITÓRIO EXISTENCIAL

O romance apresenta as periferias de Porto Alegre e suas problemáticas – a falta de estrutura, de saneamento, de segurança e de outros serviços que deveriam ser mantidos pelo Poder Público. Sempre relacionadas com a ideia de estar à margem

⁵⁵ FALERO, José. Sobre o direito à cidade. Porto Alegre: Matinal Jornalismo, 2020. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/sobre-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 20 set. 2022.

em relação a um centro, todavia, não, necessariamente, em relação a uma centralidade geográfica.

Pedro conta sobre as vilas que o constituíram como sujeito, onde nasceu, cresceu, se desenvolveu como sujeito, trabalhador, filho, amigo e então supridor desses espaços: a Vila Viçosa e a Vila Nova São Carlos, resgatando suas histórias de surgimento, separação e mudanças até tornarem-se a Vila Sapo.

Afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa; e essa fama, infelizmente, não estava tão longe da realidade. Dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal. Duas delas eram a Vila Viçosa e a Vila Nova São Carlos, que, recolhidas em sua insignificância, no coração da Lomba do Pinheiro, vinham a fazer parte uma da outra, como irmãs siamesas. (FALERO, 2020, p.18)

Marques, por sua vez, introduz a Vila Lupicínio Rodrigues com sua casa, seu assoalho barulhento e seu distanciamento do centro cultural apesar da proximidade, evidenciando que a segregação e a violência não são consequências apenas do distanciamento geográfico das periferias.

A Vila Lupicínio Rodrigues era o indesejado quintal dum importante centro cultural de mesmo nome. E ali estavam os dois colados um no outro, vila e centro cultural, só para provar que a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física. Os moradores da vila preferiam ficar em casa sem fazer absolutamente nada a frequentar os eventos do centro cultural, mesmo que fossem de graça. Era como se soubessem, ou sentissem, que aquilo não estava ali para eles, como de fato não parecia mesmo estar; geralmente, quem frequentava os eventos era gente que vinha de outras partes da cidade — gente que vinha de outras partes da cidade dirigindo *carros caros*. E enquanto se representava de Shakespeare a Brecht no célebre teatro do centro cultural, o Renascença, a vila ia servindo de palco para tragédias da vida real. (FALERO, 2020 p.32)

A territorialidade apresentada por Marques amplia o sentido geográfico de periferia como algo distante da centralidade urbana, colocando-a no que Falero chama de espaço existencial, pois, apesar de sua proximidade com o centro, a Lupicínio está mais próxima da Lomba do Pinheiro do que do bairro que a cerca, o bairro Cidade Baixa. Além da demarcação simbólica-cultural que separa esses dois espaços, a Lupicínio e o bairro Cidade Baixa, há um impacto muito grande na estética do espaço, causando inclusive certo desconcerto ao se deparar com a precariedade que se transforma nesse espaço.

O mesmo ocorre com a apresentação da Vila de Luan, supridor recrutado após a efetivação dos “negócios”. Igualmente um bairro de classe média reservava aos

desavisados a surpresa do descaso do serviço público revelando a imundícia, o lixo, as casas apodrecidas e as pessoas de pele escura naquela ilha desalojada.

As ruas dali eram tranquilas, aristocráticas. E limpas: percebia-se nelas todo o esmero do serviço público de limpeza, que, verdade seja dita, não passava suas vassouras em qualquer chão. É que, de público, o serviço só tinha o “venha a nós”; o “vosso reino” era para poucos. [...] na hora de varrer, varria-se apenas regiões como aquela, onde a maioria das pessoas era rosada, onde falava-se o mais anasalado portoalegrês, onde os animais de estimação tinham pedigree. Mas um susto estava reservado a quem não conhecesse o bairro e, de passeio por ali, decidiu ir até o fim da Luís Manoel. Essa rua terminava de súbito, sem saída, desembocando na inesperada imundície de um pequeno largo de formato arredondado. Ali, claro, já não havia qualquer vestígio do serviço público de limpeza, já não havia prédios altos, já não havia gente rosada, já não havia pedigree, já não havia sotaque anasalado; o que havia eram casas humildes, muros pichados, lixo espalhado por toda parte, cães sarmentos, gatos pestilentos, cavalos esfalfados de puxar carroça, gente de pele curtida no sol, gente malvestida, gente de rosto abatido pela vida dura, gente de linguajar inculto e incauto. E só a pé era possível seguir em frente, indo pelos becos estreitos que conduziam para dentro daquele pedaço de inferno. Assim a Vila Planetário brotava, feia e indesejável, no interior daquela área nobre de Porto Alegre, como uma espinha solitária no rosto de uma bela mulher. (FALERO, 2020, p.163)

A Vila Planetário, apresentada no trecho acima, no decorrer da obra comportará a maior parte da tensão e do medo na obra. É revelada, portanto, como um espaço à parte do bairro nobre de Porto Alegre, mesmo sendo uma extensão desse. O autor logo ironiza o desprezo e o apagamento da região ao mencionar o descaso público com tons de deboche pois “o serviço público de limpeza, que, verdade seja dita, não passava suas vassouras em qualquer chão. ” Ou seja, aquele local desterrado, destinado àqueles que não importam, sequer merece o mínimo do serviço público e ali, tão próximo do centro, são deixados à margem, no descaso e na insalubridade.

Por meio dos contrastes territoriais, o escritor insere a principal temática de sua obra: a injustiça social, cuja consequência mais direta é a violência urbana. Este é o âmago da obra, o escritor diz em entrevista para a autora que isso é central em *Os Supridores*. Ele declara,

queria traçar essa relação porque ela existe na vida real, a relação entre violência urbana e desigualdade social. Aliás eu nem gosto muito de usar desigualdade social, eu prefiro injustiça social, pois desigualdade sugere que é desigual por acaso [...] mas injustiça porque, existe alguma coisa, não é por acaso essa configuração, isso é praticado por alguém, tem um agente que “ta” promovendo essa injustiça.⁵⁶

O escritor relaciona a fragilidade material e econômica dos personagens e o quanto suas vidas são afetadas por essa precariedade, inclusive como suas

⁵⁶ Trecho da entrevista concedida à autora do estudo por e-mail no dia 02/09/2022.

subjetividades são construídas a partir desse sofrimento econômico e da precariedade do espaço vivido.

Falero coloca o leitor diante de diferentes conflitos causados pela ausência de condições dignas de vida. Demonstra como essas vidas são condicionadas por essa desigualdade, de modo que até mesmo a chegada de uma nova vida, ao contrário do que costumava apresentar a literatura – um momento de felicidade, comemoração e bênçãos – para Angélica e Marques, que vivem uma séria fragilidade econômica, provoca dor, desespero e violência.

Ela se pôs de pé, para que pudessem se abraçar, conforme as circunstâncias exigiam. Foi um abraço apertado e demorado, cheio de significado. Naquele instante, uma leve brisa entrava pela janela aberta, fazendo as cortinas esvoaçarem de maneira suave e constante, e a luz que se filtrava nelas projetava ondas vivas nos lençóis dourados da cama, enquanto os pássaros lá fora cantavam com alegria, comemorando seja lá o que for que um pássaro possa comemorar. Poderia ter sido um momento mágico, desses em que tudo parece tão belo, como numa cena de novela. Poderia. O problema era um som desagradável que fazia pesar tanto o espírito dele quanto o dela, ancorando-os firmemente numa realidade que de mágica não tinha nada: o assoalho de madeira da casa, apodrecido havia tempos, rangia alto, sem parar, gritando por socorro, ameaçando ceder a qualquer momento, porque o pequeno Daniel, que era, antes de mais nada, uma boca a ser alimentada, corria faceiro para lá e para cá, gastando as energias, e naquela conjuntura a lastimável verdade era que ou bem socorria-se o piso, ou bem alimentava-se a criança, já que, para as duas coisas, o dinheiro nunca dava: o que poderia haver de mágico nisso? Não há. (FALERO, 2020, p. 31)

A violência está presente na narrativa em diferentes tonalidades: na exploração do trabalho, na criminalidade, no tráfico de drogas e também nas relações afetivas. Durante a discussão de Marques e Angélica, devido ao anúncio da gravidez indesejada, Marques lida com a situação violentando a esposa. Esses episódios durante toda a narrativa expõem o quanto a injustiça social está diretamente interligada à violência em suas diferentes formas.

Em diversos momentos essa violência se torna palpável, como na morte da filha do traficante Rasga-Bucho, que é atropelada por um rapaz bêbado. Novamente a violência torna-se palpável quando Bison é assassinado pelo Chefe do tráfico da Vila Nova São Carlos, Renato, pois seu desejo de vingança contra Rasga-Bucho poderia vir a prejudicar os negócios.

Apesar da violenta cena, é um episódio bastante trivial perto daqueles que viriam pela frente, como, por exemplo, o brutal assassinato da mãe de Luan, o que desencadeia uma sequência de momentos de profunda impetuosidade. Assassinada pela facção criminosa *Bala na Cara*, conhecida na região porto-alegrense pela brutalidade dos crimes, sua morte causa profundo sentimento de revolta no grupo de

supridores, provocando, assim, os momentos de maior tensão na narrativa. Luan sofre desesperadamente pela morte de sua mãe ao saber que foi massacrada violentamente à luz do dia: “os cara judiaro da minha coroa lá, mano, enchero ela de tiro, mano, na frente de todo o mundo, tá ligado, na frente de todo o mundo...”. (FALERO,2020, p.245). Após o assassinato violento da mãe de seu amigo, Pedro precisa fazer escolhas, das quais não terá mais volta. Os sentimentos de angústia e inquietação predominam nos capítulos seguintes.

O sentimento de revolta no rapaz torna legítima a progressão dos fatos. Assim como Pedro, o leitor sente a angústia e a porta que se fecha. Não há outra forma de lidar com a situação, pois a violência que se apresenta não é apenas a violência criminosa e brutal da morte, mas o descaso e a invisibilidade com que aquela vida foi tragada desde o seu nascimento; a violência e a invisibilidade que às vidas negras são reservadas.

Sua mãe, nunca mais! Morrera. Não só morrera: fora fuzilada em público! E nada seria feito a respeito. Nada! Era inútil esperar que houvesse comoção: ninguém se importava. Deus, ninguém se importava! Era o tipo de coisa que acontecia todo dia — todo santo dia! Pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração, eis que aquela mulher era expulsa da existência, e mesmo exterminada de maneira tão brutal, mesmo assassinada à luz do dia, mesmo estraçalhada a céu aberto, mesmo aniquilada diante de quem quisesse ver, mesmo assim, nada: ninguém se importava, nada seria feito, ficaria tudo por isso mesmo! Um ser que absolutamente invisível viera ao mundo, absolutamente invisível o habitara e absolutamente invisível desaparecia dele! Um ser produzido e destruído na lama da indiferença plena: era como se nunca tivesse existido! Um ser cuja vida e morte confundiam-se nos matizes do descaso total. (FALERO, 2020, p.246)

Assim, a invisibilidade e o descaso são expostos como formas severas de violência que atacam essas vidas periféricas relegadas ao esquecimento, já que nem mesmo a morte sensibiliza essa existência. Isto posto, respondendo a esse esquecimento e a essa invisibilidade, Pedro decide não emudecer essa dor e sentença, então, que será paga na mesma moeda.

No entanto, essa violência não está restrita aos sujeitos periféricos, desassociando, assim, a criminalidade da periferia. O autor evoca exemplos como Fabrício e Amauri, figuras da elite que apresentam um padrão de vida elevado, conforto e dignidade, mas possuem envolvimento com a criminalidade, tensionando o estereótipo midiático de que apenas o pobre é criminoso e violento. Fabrício aparece como o fornecedor de drogas da cooperativa de supridores, e Amauri tem seus crimes de pedofilia desmascarados pela quadrilha ao entrar no caminho da equipe. Esse processo de dissociação da violência como algo performático da periferia é importante

de ser percebido, pois constantemente somos confrontados moralmente com essa duplicidade da violência. Pedro confronta os limites das leis inquirindo a relação direta entre a criminalidade que está cometendo em relação ao crime perverso do Estado ao negligenciar sua existência e a dos seus, portanto, essa dupla faceta da violência, desassocia-a como característica dos pobres marginalizados, apresentando-se como uma forma sagaz de resistência e insubmissão.

Ademais, a construção do enredo de Falero explora elementos muito presentes em jogos eletrônicos e seriados televisivos como a criminalidade e o ritmo acelerado dos acontecimentos, envoltos de efeitos como os do jogo eletrônico *The Legend of Zelda*, despertando no público o desejo de seguir a narrativa e acompanhar o desenrolar dos personagens.

A narrativa muito se assemelha ao seriado *La casa de Papel*, disponibilizado pelo serviço de streaming *Netflix* que conta a seguinte narrativa: “Oito ladrões se trancam com reféns na Casa da Moeda da Espanha. Seu líder manipula a polícia para realizar um plano.”⁵⁷ Assim como na narrativa Faleriana, *La casa de Papel* entrou no gosto do público que criou não só simpatia pelo grupo de ladrões como também torcia pelo sucesso da missão e sofria com as possíveis mortes. Tanto o seriado quanto a obra literária abordam a violência e a criminalidade pelo seu viés social e econômico, evidenciando-as como consequência das desigualdades sociais, no caso, das injustiças sociais e da exploração dos trabalhadores, sendo assim, a violência e a criminalidade estão diretamente interligadas aos contextos sociais vivenciados pelas pessoas, relacionando esses acontecimentos criminosos diretamente às suas causas.

Destarte, o escritor utiliza de sua escrita como ferramenta denunciativa, reflexiva e incômoda. Além disso, Falero emprega em seu estilo traços da ironia machadiana ao discutir os limites da moralidade, pois, ao infringir a lei, Pedro rompe com a normatividade do sistema e não cresce sozinho, levanta junto os seus. Seu crime tem uma perspectiva social, uma perspectiva de quebra de correntes que é minimizada também pela criminalidade antes imposta por um sistema injusto e excludente.

À vista disso, podemos tomar a literatura de Falero como “ativismo” que, para Fernanda Vilar, doutora em Literatura Comparada da África Subsaariana e pesquisadora do grupo *Memoirs* da Universidade de Coimbra (2019), está presente

⁵⁷ NETFLIX. *La Casa de Papel*, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80192098>. Acesso em: 20 set. 2022.

em obras que expressam diferentes manifestações e expressões por meio da arte engajada politicamente, isto é

os projetos artivísticos pensam a dimensão política da arte e cruzam os territórios do protesto social, baseados numa lógica de que a validade da arte só é possível se esta for capaz de transformar situações sociais e históricas politicamente significantes. As/os artistas fazem emergir novos cenários e possibilidades de fruição, de participação e de criação artística ao tomar o espaço urbano.(VILAR, 2019, p.04)

Portanto, Falero se apossa da capacidade artística da sua escrita, bem como da capacidade reivindicatória e transgressiva da literatura para manifestar as injustiças e as dores que o circulam, tornando-se, assim, capaz de transformar esses cenários, provocar reflexões e viabilizar a resistências de vozes da periferia, destacando as vivências, a exploração e as desigualdades que assolam seu espaço de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido neste trabalho teve como objetivos a reflexão crítica acerca da obra *Os Supridores*, além da análise do território como apropriação sócio-histórica pelos sujeitos para suas constituições subjetivas e identitárias. Entretanto, não apenas isso, buscou-se com esse estudo valorizar as narrativas emudecidas e apagadas, indo além da literatura e transpassando as diferentes problemáticas que afetam a existência de milhões de brasileiros.

Por meio da escrita problematizadora de José Falero, pude delinear elementos que fazem parte das experiências diárias da população periférica que até pouco tempo atrás quase nada se sabia ou apenas especulava-se como objeto exótico de escrita ou ainda como documento sociológico, reiterando a escrita como um ato político e transgressivo. O empoderamento da periferia e a abertura de suas vozes para diferentes olhares expõem e visibilizam violências, aniquilações e explorações que estão diretamente atreladas à estrutura social e às injustiças sociais em que vivemos e que antes estavam ausentes das discussões dentro e fora da academia, fazendo com que a periferia fosse vista como um problema por si só, e não como a consequência de um sistema injusto. Essa ausência, segundo a intelectual e artista afroportuguesa Grada Kilomba (2019), são demonstrações da posição de subalternidade dos sujeitos oprimidos que não podem falar por si e nem mesmo têm suas vozes escutadas devido as articulações de uma estrutura opressora e colonialista que marginalizam e desarticulam suas vozes. Falero ocupa, portanto, um espaço de suma importância ao ressignificar esses locais de exclusão e de segregação em locais de fala e de denúncia, repercutindo com sua escrita o quanto a sociedade e as suas estruturas de poder e de injustiças fortalecem e impulsionam a violência em todos os substratos das relações sociais.

Além disso, a recente abertura do círculo editorial, que possibilita e amplia vozes como a de Falero, desvincula a periferia da ideia de espaço de violência e ignorância, notabilizando que são espaços de produção e apreciação cultural, de sonhos, de desejos e de afetos.

Sendo assim, a escolha pela obra *Os Supridores* é uma forma de dessacralizar a literatura e os conhecimentos de literatura dentro da Universidade, ampliando seu repertório literário nos espaços de conhecimento, pois, como assevera Kilomba, “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de

conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (2019, p.51). Portanto, é necessário que a Universidade abra suas portas para os conhecimentos provenientes das favelas e periferias, assim sendo, ampliarão também os conhecimentos que circulam na educação básica, levando vozes como a de Falero para dentro de escolas da periferia. Neste aspecto, surgem novas possibilidades de reflexões para a obra: a importância de literaturas como a do escritor na formação de professores; possibilidades de trabalho na educação básica com a obra *Os Supridores* para uma educação crítica e emancipadora; meios como estudo da obra pode contribuir para o fortalecimento e o reconhecimento identitários dos jovens de periferia dentro do ambiente escolar; a relação entre a escola, a literatura e a demanda reprimida de narrativas reais e contextualizadas para a periferia.

Todos esses questionamentos urgem pela necessária mudança no sistema educacional, pois, como demonstrado também na trajetória escolar de Falero, a escola segue expulsando os jovens marginais para o mercado de trabalho em condições precarizadas e exploratórias, perpassando suas gerações com uma vida pouco digna e muito sacrificada.

Consoante às discussões que a obra suscita, torna-se claro o quanto a literatura é uma ferramenta de humanização dos sujeitos marginais, vendidos pelos meios de comunicação como bandidos, incultos, violentos. Valorizando suas narrativas, suas vivências e, principalmente, suas vozes e suas gírias, é possível a identificação e a legitimidade de suas existências sempre tão negligenciadas. Rompe-se assim, por meio da literatura, com um histórico de “vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar tampouco permanecer para falar com nossas vozes” (KILOMBA, 2019, p.27).

Outrossim, essa valorização proporciona a reflexão crítica da língua enquanto ferramenta de dominação social, que atua como fator de exclusão e afastamento do estrato mais baixo da sociedade de direitos e bens culturais. Pois, como pondera Nascimento (2019, p.19), “a língua foi criada pelo sujeito ao classificar o mundo [...] ela também cria o sujeito que, ao enunciar o mundo, se enuncia”. À vista disso, se é pela língua que o sujeito se enuncia e se constitui sua identidade, essas vozes marginalizadas, apagadas socialmente, apagam também a existência desses sujeitos que, como podemos ver na obra, são relegados ao descaso e à exploração de suas vidas. Logo, apropriar-se dos instrumentos linguísticos é uma potente forma de

resistência, reconhecimento e valorização. Mais do que isso, proporcionar o reconhecimento, seu e dos seus, na literatura é tensionar esses espaços antes tão elitizados, transformando as línguas também em espaços de luta, como defende Nascimento (2019).

Para finalizar, a partir dos conhecimentos até aqui mobilizados e das reflexões aqui empreendidas, reconheço o quanto o espaço da periferia é, para seus moradores, um espaço para além dos domínios geográficos, fazendo-se, portanto, em um espaço existencial que rasga os limites impostos pela geografia técnica, isto é, transmutando-se no espaço que possibilita a formação intersubjetiva e identitária de seus sujeitos. O espaço existencial, é, portanto, constitutivo dos sujeitos, é o espaço onde eles sentem pertencimento, onde sentem ser seu lugar no mundo – não como imposição estatal, mas pela construção de seus afetos, pelas raízes partilhadas, pela construção de seus saberes e conhecimentos. É dali que veem e interpretam o mundo, é ali que formam sua subjetividade e sua identidade. Assim sendo, Falero apropria-se dos espaços esquecidos da cidade de Porto Alegre para construir o olhar de seus personagens – não somente de seus personagens – e para localizar de onde parte o seu olhar, a sua criticidade e a sua denúncia.

Deste modo, o espaço da periferia é constitutivo das relações que os sujeitos estabelecem com a vida fora da periferia, como esse território influência a sua língua, as suas vestimentas e a sua forma de ver e de lidar com a vida. Além disso, é a partir da violência que permeia as vielas e as existências das periferias que são formadas as subjetividades desses sujeitos, é pelo reconhecimento dessa violência em suas diferentes facetas que promove um amadurecimento do olhar desses sujeitos para lidar com as diferentes recusas que atravessam seu existir nesses espaços e fora deles.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, Território e Territorialidade: a luta pela Terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**. Jundiá, Paco Editorial. 2016.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773>>. Acesso em: 20/09/2022.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problema da representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Finatec, 2005.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, 2007.
- DALCASTAGNÉ, Regina. TENNINA, Lucia. **Literatura e Periferia**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.
- FALERO, José. **Os Supridores**. São Paulo: Todavia, 1º. Ed.2020.
- FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Planeta. 2016.
- FONTOURA, Elisa Sparano. **Participação, territorialização e identidade na periferia de Porto Alegre: estudo de caso comparativo no bairro Lomba do Pinheiro**. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2005.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. Ed. - São Paulo: Ática, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais* - GEOgraphia Niterói, Universidade Federal Fluminense. **GEOgraphia**, vol: 22, n.48, 2020.
- KAHMANN, Andrea.C. **A literatura trânsfuga de José Falero**. Aletria, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 97-118, 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1.ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORIA, Luana. **Manifestações artísticas como contranarrativas: estudos de casos das periferias do Rio de Janeiro e de Lisboa**. Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.
- MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá. (org.) **Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: 1995. Ed. da Universidade.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano. In: DALCASTAGNÉ, Regina, TENNINA, Lucia. **Literatura e periferia**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura Marginal”: os escritores da periferia entram em cena**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, 2006.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. - Belo Horizonte: Letramento, 2019.

- OLIVEIRA, Rejane. Pivetta. de. Literatura como ferramenta para pensar e intervir no mundo. **Revista Da Anpoll**, 203–223. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i35.651>. Acesso em 22/09/2022.
- PELLEGRINI, Tânia. **No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje**. In: **Estudos da literatura brasileira contemporânea: literatura nas margens**. Brasília: UnB, 2004.
- PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, DF, n. 49, p. 19-32, set-dez. 2016.
- PERLMAN, J. **O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1981]
- PERROT, Andrea. **MACHADO DE ASSIS E A IRONIA: estilo e visão de mundo**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território. Universidade de São Paulo**. * Este texto resulta da transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999, proferida em 15/3, e foi revisto pelo Autor, guardando, todavia, um estilo verbal.
- SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria. **O Brasil: território e sociedade no século XXI** -9ªed. Rio de Janeiro: Record. 2006.
- SOARES, Cibele Moni. **A voz das ruas: resistência negra e feminina no Poetry Slam**. Programa de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2021.
- VERÍSSIMO, Érico, 1905-V619s **Solo de clarineta: memórias**. 3. ed. v.1-2 Porto Alegre, Globo, 1974.
- VILAR, Fernanda. **Migrações e periferias: o levante do slam**. Seção temática: Novas poéticas da migrância. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* (58), 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2316-4018588>. Acesso em 25/09/2022.

SITES E VÍDEOS

- [1] Circuito Letras-Uergs de debates sobre literatura. “Os supridores”, com José Falero. You tube, 2020. Acesso em: 22 de set. 2022.
- [2] FALERO, José. De volta ao Campus. Facebook, set. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/jzfaleroescritor/posts/pfbid0QxAu717E8dz1UvKAfxVTzErCEzhjdaAPqY5YWwM6ufsPsaY1ryBquFERRSNRDmNoI>. Acesso em: 21 set. 2022.
- [3] O Sistema de Seleção Unificada (SISU) reúne em um sistema eletrônico gerido pelo MEC as vagas ofertadas por instituições públicas de ensino superior de todo o Brasil, sendo a grande maioria delas ofertada por instituições federais (universidades e institutos).
- [4] MARKO, Katia. et al. José Falero: “De onde venho nada é sozinho, tudo é sempre coletivo”. *Brasil de Fato*, Porto Alegre, 22 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 21 set. 2022.

[5] HENRIQUE, Guilherme. et al. José Falero, de 'Os supridores': Um escritor em busca da fórmula mágica da paz. *El País*, ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-09/um-escriptor-em-busca-da-formula-magica-da-paz.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

[6] *Saint ou Os Cavaleiros do Zodíaco* (nos países lusófonos) é uma série japonesa de mangá e anime escrito e ilustrada por Masami Kurumada. Foi publicada originalmente na revista *Weekly Shōnen Jump* de dezembro de 1985, sendo sua primeira edição dividida em duas partes entre dezembro de 1985 e janeiro de 1986 (partes 1 e 2 respectivamente), até dezembro de 1990. Foi adaptada para anime de 114 episódios pelo estúdio Toei Animation (o mesmo que produziu *Dragon Ball*) de 1986 a 1989.

[7] *The Legend of Zelda* é uma série de jogos eletrônicos da Nintendo criada em 1986 por Shigeru Miyamoto e Takashi Tezuka. É centrado em jogos eletrônicos de ação e aventura e alguns elementos de RPG. A maioria de seus títulos são produzidos e publicados pela Nintendo com alguns jogos e relançamentos sendo desenvolvidos por empresas terceirizadas. Os jogos se passam no reino de Hyrule, num cenário de fantasia. A franquia concentra-se em títulos focados no gênero ação e aventura, além de RPG de ação e resolução de quebra-cabeças.

[8] Anotação pessoal registrada no dia 18/08/2022 às 08:30 no Colégio Marista Graças durante o evento Incentivo e Mediação à Leitura organizado pela instituição.

[9] Rede TVT. José Falero: Um tapa na literatura chique – SUB 40. YouTube, publicado em 22/10/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sh9Fad-K7Dg&ab_channel=RedeTVT. Acesso em: 19 set. 2022.

[10] TV Fórum. Papo-Cabeça com o ex-servente de pedreiro e escritor gaúcho José Falero. YouTube, mai. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e6ld4ha4Blo&ab_channel=TVF%C3%B3rum. Acesso em: 18 set. 2022.

[11] HENRIQUE, loc cit, p.12

[12] Racionais MC's. *Sobrevivendo no inferno / Racionais MC's*. — 1a-ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

[13] *El País*. Loc.cit p.12.

- [14] FALERO, José. Vila Sapo. Belo Horizonte: Venas Abiertas. 2019.
- [15] “Nasce em 2018 como um novo selo fomentador da literatura produzida por figuras à margem do mercado editorial, valorizando e disseminando a literatura produzida por mulheres, negres, LGBTQIA+ e periféricos.” Apoiar-se disponível em: <https://apoia.se/venasabiertas>. Acesso em: 19 set. 2022.
- [16] Estação Cidadania - #02 – Entrevista com o escritor José Falero. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/luminapodcasts/site/episodio/02-entrevista-com-o-escritor-jose-falero>. Acesso em: 19 set. 2022.
- [17] RIBEIRO, Bruno. José Falero, o ex-supridor de supermercado que se tornou o escritor mais discutido do Brasil. [S. l.]: Revista Opera, ago. 2021. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 19 set. 2022.
- [18] FALERO, José. Os supridores. SP: Todavia. 2020. p. 20.
- [19] NOGUEIRA, Paulo. José Falero conquista crítica e público com "Os supridores". Estado de Minas, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna_pensar,1241051/jose-falero-conquista-critica-e-publico-com-os-supridores.shtml. Acesso em: 18 out. 2022.
- [20] Anotação pessoal registrada no dia 18/08/2022 às 08:30 no Colégio Marista Graças durante o evento Incentivo e mediação à Leitura organizado pela instituição. DECLERCQ, Marie. ‘Humanizar o desumanizado’: escritor retrata parte ignorada de Porto Alegre. TAB UOL, 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/17/anime--vilas-jose-falero-traz-retrato-de-parte-ignorada-de-porto-alegre.htm>. Acesso em: 19 set. 2022.
- [22] Lomba do Pinheiro In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lomba_do_Pinheiro. Acesso em: 18 out.2022.
- [23] SILVEIRA, Jacira Cabral. Periferia como demarcação social. Porto Alegre: Jornal da Universidade. 06 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-como-demarcacao-existencial/>. Acesso em: 19 set. 2022.
- [24] RACIONAIS MC'S. Raio X Brasil. Zimbabwe Records. 1993.
- [25] VAZ, Sergio. Sergio Vaz: Manifesto da Antropofagia periférica. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em: 19 set. 2022.

[26] Entrevista concedida por áudio via e-mail para a autora do estudo no dia 02 de set de 2022, às 18:36.

[27] MARKO, Katia. et al. José Falero: “De onde venho nada é sozinho, tudo é sempre coletivo”. Brasil de Fato, Porto Alegre, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/22/jose-falero-de-onde-venho-nada-e-sozinho-tudo-e-sempre-coletivo>. Acesso em: 19 set. 2022.

[28] VAZ. Loc. cit. p.25.

[29] Marginal. In: Michaelis – dicionário brasileiro da língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marginal/>. Acesso em: 20 set. 2022.

[30] BARROS, G. Verbete Literatura Marginal Periférica. In: Wiki Favelas – Dicionário de Favelas Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Literatura_Marginal_Perif%C3%A9rica. Acesso em: 20 set. 2022.

[31] BARROS. Loc. cit. 27.

[32] CARVÃO, Andri. Perifobia de Lilia Guerra. Ruído Manifesto, março de 2022. Disponível em <https://ruidomanifesto.org/perifobia-de-lilia-guerra-por-andri-carvao/>. Acesso em: 20 set. 2022.

[33] FERRÉZ. Manifesto de abertura: Literatura Marginal Terrorismo Literário. Disponível em: <https://img1.wsimg.com/blobby/go/26fe1c05-bf31-423a-a4d9-a3156fa1d25d/downloads/TEXTO%20LITER%20%81RIO%20FERREZ%20Manifesto%20de%20abertura.pdf?ver=1596896104467>. Acesso em: 20 set. 2022.

[34] CASTILHO, É. NASCIMENTO, A. Literatura e periferia(s): a emergência de outras vozes na literatura brasileira. Open Edition Journal, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/6563#ftn3>. Acesso em: 20 set. 2022.

[35] DECLERCQ. Loc. cit. p.18.

[36] EVARISTO, conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Z Cultural. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 20 set. 2022.

[37] EVARISTO. Loc. Cit. p.36.

[38] LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. Jornal Nexo, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o->

- Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99. Acesso em: 18 out. 2022.
- [39] HENRIQUE. Loc. cit. p.18.
- [40] FALERO. 2020, passim.
- [41] PATEL, Gitanjali. A Linguagem da Favela Parte 1: Resistência, Cultura e Identidade. In Rio On Watch. Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=13450>. Acesso em: 20 set. 2022.
- [42] MARTINS FONTES PAULISTA. Live "Os Supridores", com José Falero. You tube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cq05C7CNhW4>. Acesso em: 20 set. 2022.
- [43] PATEL. Op.cit. p.38.
- [44] TODAVIA. Todavia ao vivo — Lançamento de OS SUPRIDORES, de José Falero. You tube, dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9197fEp0HY>. Acesso em: 21 set. 2022.
- [45] PÉCORA, Alcir. 'Os Supridores' diverte pela originalidade de seu 'Marx para manos'. Folha de São Paulo, novembro de 2020. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/os-supridores-diverte-pela-originalidade-de-seu-marx-para-manos.shtml>. Acesso em: 20 set. 2022.
- [46] RACIONAIS MC'S. Loc. cit. p.14.
- [47] FALERO. Os supridores. Todavia, 2020.
- [48] LIMA. Álvaro. Os 'crias' do nosso Brasil: a relação entre ficção literária e realidade social em "Os Supridores" de José Falero. Lavra Palavra, julho de 2020. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2022/07/04/os-crias-do-nosso-brasil-a-relacao-entre-ficcao-literaria-e-realidade-social-em-os-supridores-de-jose-falero/>. Acesso em: 20 set. 2022.
- [49] Karl Marx (Tréveris, 5 de maio de 1818 – Londres, 14 de março de 1883) foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão. Nascido em Tréveris, Prússia, Marx estudou direito e filosofia nas universidades de Bona e Berlim. Casou-se com a crítica de teatro e ativista política alemã Jenny von Westphalen em 1843. Devido às suas publicações políticas, Marx tornou-se apátrida e viveu no exílio com a sua mulher e filhos em Londres durante décadas, onde continuou a desenvolver o seu pensamento em colaboração com o pensador alemão Friedrich Engels e a publicar os seus escritos, pesquisando na Sala de Leitura do Museu Britânico. Os seus títulos mais conhecidos

são o panfleto Manifesto Comunista de 1848 e o triplo volume O Capital (1867–1883). O pensamento político e filosófico de Marx teve uma enorme influência na história intelectual, econômica e política subsequente. O seu nome tem sido usado como adjetivo, substantivo e escola de teoria social.

[50] KARL MARK. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx. Acesso em: 28 set. 2022.

[51] EMICIDA. Levanta e Anda. O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui, 2013.

[52] MARKO. Loc. cit. p. 10.

[53] Conselho Popular da Lomba do Pinheiro. Disponível em: <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2013/07/contra-fluxo-na-entrada-da-lomba-do.html>. Acesso em: 18 out. 2022.

[54] BARBOSA, Catarina. Brasil de Fato. Direito à cidade é negado a muitos brasileiros. Como ter acesso a ele? Belém (PA), Out. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/direito-a-cidade-e-negado-a-muitos-brasileiros-como-ter-acesso-a-ele>. Acesso em: 20 set. 2022.

[55] FALERO, José. Sobre o direito à cidade. Porto Alegre: Matinal Jornalismo, 2020. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/sobre-o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 20 set. 2022.

[56] Trecho da entrevista concedida à autora do estudo por e-mail no dia 02/09/2022.

[57] NETFLIX. La Casa de Papel, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80192098>. Acesso em: 20 set. 2022.